

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-
GRANDENSE-IFSUL**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E
TECNOLOGIA**

RITA DE CÁSSIA ROSA DOS SANTOS

**OUTRAS FORMAS DE SENTIR E APRENDER:
EXPERIÊNCIAS COM PESSOAS CEGAS E BAIXA VISÃO**

Pelotas, RS

2016

RITA DE CÁSSIA ROSA DOS SANTOS

**OUTRAS FORMAS DE SENTIR E APRENDER:
EXPERIÊNCIAS COM PESSOAS CEGAS E BAIXA VISÃO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação do IFSul

Orientador: Prof. Dr. Alberto D`Avila Coelho.

Pelotas/RS

2016

Ficha Catalográfica

S237o Santos, Rita de Cássia Rosa dos.
Outras formas de sentir e aprender : experiências com pessoas cegas e baixa visão / por Rita de Cássia Rosa dos Santos. – 2016.
90 f.
Orientador: Prof. Dr. Alberto D'Avila Coelho.
Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.
1. Educação Especial. 2. Cegueira. 3. Corpo. 4. Potência. 5. Desejo. I. Coelho, Alberto D'Avila. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.
CDD 371.911

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Silvia R. de Lima Velela CRB 10/2038
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

Rita de Cássia Rosa dos Santos

Outras formas de sentir e aprender:

Experiências com pessoas cegas e baixa visão

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

Prof. Dr. Alberto D'Avila Coelho – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia– IFSul (Orientador)

Aprovada pela banca examinadora em 23/03/2016

Prof^a. Dr^a. Maura Corcine Lopes - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Róger Albernaz de Araújo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense – IFSul

Dedico este trabalho àquelas
pessoas que, através de outros
olhares, enxergaram a beleza da
vida.

“[...] penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem”.

José Saramago

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tudo.

Aos meus pais (in memoriam) pela vida e, por sempre me ensinarem sobre o valor de estudar.

Ao meu esposo Henrique, pelo apoio incondicional.

Ao Pedro Henrique, meu filho amado, que compreendeu minha ausência, soube esperar e cheio de carinho, incentivava-me com beijos e abraços.

A meu orientador, Alberto, agradeço pelo afeto e exatidão. Aprendo muito com tua generosidade, sensibilidade, atenção e amizade. É para mim um ser humano ímpar e profissional competente. Grata por este encontro.

Ao Grupo de Estudos Experimenta, em especial aos professores Donald Hugh de Barros Kerr Junior, Roselaine Albernaz e Cynthia Farina.

Aos professores participantes da banca, Maura e Róger, grata por aceitarem participar deste momento.

À Professora, amiga Márcia Evangelista, pelas palavras incentivadoras e pela revisão do resumo.

À amiga Luciane Ribeiro, pela correção e formatação, pelas dicas indispensáveis e por dar aquela força.

Aos meus ex-alunos da escola Louis Braille, pelos bons encontros.

À Poliana, o meu respeito, o meu carinho, minha admiração e gratidão.

Ao Ben Hur, que confiou em mim, acreditando em sua potência e em seu desejo.

À amiga Luciana Carrasco, pelas palavras de apoio, incentivo e fé.

Aos familiares, obrigada por todas as vezes que apoiaram meus sonhos, impulsionando-me para alcançar o que parecia distante.

Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que este percurso pudesse ser concluído.

Cântico negro

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: "vem por aqui!"
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidades!
 Não acompanhar ninguém.
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: "vem por aqui!"?
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...
 Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.
 Como, pois, sereis vós
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o Longe e a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
 Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátria, tendes tetos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
 Eu tenho a minha Loucura!
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
 Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
 Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"
 A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se alevantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 Sei que não vou por aí!

José Régio

RESUMO

O presente trabalho de dissertação trata dos processos de subjetivação de pessoas com deficiência visual, e as relações que atravessaram os seus espaços coletivos. Pensa também, a presença destas pessoas no mundo contemporâneo, a partir de sua condição perceptiva, segundo autores como Deleuze e Rolnik, e os acontecimentos ocorridos desde que perderam sua visão, tornando-se, na concepção mais comum, um “deficiente” visual. Deseja-se, pois, evidenciar seus afetos, o que podem em suas vidas, com quais forças compõem-se, destacando aquelas situações que os colocam longe dos enquadramentos, das categorizações, daquele modelo de homem, que já vem impregnado das regras e pré-conceitos que dizem o que esperar de uma pessoa cega; que ignora as escolhas e os caminhos de cada um. Modelo que já prevê tudo de antemão, que preestabelece onde eles poderão chegar e que reforça a necessidade de modelar este “sujeito” adaptando-o à realidade sem se preocupar com questionamentos. O procedimento metodológico do projeto de pesquisa teve continuidade com o apoio de dois alunos da Escola Louis Braille, Ben Hur e Poliana, com os quais se estabeleceu uma relação muito próxima, afetiva e problematizadora de seu dia a dia. A partir da documentação de vários encontros com eles, registrados em fotografias, gravações e anotações em um caderno, obteve-se os dados da pesquisa, os quais se tornaram a fonte com a qual se foi, de alguma forma cartografando, e construindo esta dissertação. Esperou-se captar dos encontros com elas, um material sensível e potente que fosse capaz de produzir outros modos de ver, sentir e apreender, mostrando estas pessoas por pontos de vista que deixam transparecer o seu interagir, relacionar-se, amar e pensar o futuro.

Palavras-chave: Educação Especial. Cegueira. Corpo. Potência. Desejo.

RESUMEN

La tesis que se presenta trata de los procesos subjetivos de personas con discapacidad visual, y las relaciones que intervienen en sus espacios colectivos. Bien como aborda, la presencia de estas personas en el mundo contemporáneo, a partir de su condición perceptiva según autores como Deleuze y Rolnik, y los acontecimientos desde la pérdida de su visión, volviéndolos, en un modo más común, "deficientes" visuales. Se pretende evidenciar sus afectos, sus posibilidades en la vida, y lo que la compone, resaltando las situaciones de vida que los ponen distantes de los marcos de categorización, del modelo de hombre que está impregnado por las reglas que dicen que se espera de una persona ciega; que ignora las elecciones y los caminos de cada persona. Modelo que ya ofrece todo de antemano, que establece anticipadamente hasta donde podrá lograr llegar en su vida, lo que refuerza la necesidad de moldar este "sujeto" adaptándolo a la realidad sin cuestionarlo. El enfoque metodológico del proyecto de investigación se continuó con el apoyo de dos estudiantes de la Escuela Louis Braille, Ben Hur y Poliana, con quien estableció una estrecha relación, emocional y cuestionamiento de su vida cotidiana. A partir de la documentación de varias reuniones con ellos, registrados en fotografías, grabaciones y notas en un cuaderno, los datos del estudio se obtuvo, que se convirtió en la fuente con la que de alguna manera se fue cartografiando y construyendo esta tesis. Se intenciona lograr un material sensible y de gran alcance de reuniones con ellos, que pueda ser capaz de producir otras formas de ver, sentir y entender. mostrando a toda la gente, por un punto de vista que revela la forma en que interactúan, se relacionan de amar, y pensar en el futuro.

Palabras clave: Educación Especial. Ceguera. Cuerpo. potência. Deseo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DEFICIÊNCIA VISUAL	13
3. TRILHANDO POR ENTRE PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO	22
4. RELATOS INCENTIVADORES	25
4.1. OUVINDO OS EFEITOS DOS RELATOS EM MIM	37
4.2. OUTROS RUMOS	38
5. ACOMPANHANDO EXPERIÊNCIAS	40
6. LUTO E SUPERAÇÃO	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
8. REFERENCIAL TEÓRICO	72
9. ANEXOS	76

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação aborda os processos de subjetivação de pessoas com deficiência visual e analisa as suas relações intra e interpessoais. Relações estas que atravessam seu viver, para este fim foram coletados e problematizados alguns fatos pontuais da vida de dois alunos da Escola Louis Braille, seus nomes: Ben Hur e Poliana.

É uma investigação que tem o intuito de problematizar como essas pessoas colocam-se no mundo e relacionam-se com o outro, a partir de sua condição perceptiva. Também, é dado vazão aos desafios enfrentados pela professora-investigadora, destacando a importância de superar as suas dificuldades, e de dar auxílio aos seus alunos, estimulando-os a superarem seus problemas diários. Por estes motivos, a pesquisa envolve o contínuo desafio do ensinar e aprender, buscando dar sentido ao que pode movimentar nossa existência enquanto seres sensíveis e dotados de capacidades intelectuais.

Para tanto, com o uso de alguns procedimentos cartográficos, apresenta-se o percurso desta dissertação, o qual permitiu que se registrassem a movimentação dos sujeitos participantes, desde os alunos até a professora investigadora, na busca por experiências que respondam às indagações de pesquisa que se atêm ao conceito de *corpo* segundo Rolnik e de *desejo* segundo Deleuze. O processo metodológico que se aproxima da cartografia (Deleuze, Kastrup), conta ainda com um caderno de anotações no qual foram colecionadas escritas, ou seja, observações que capturaram os ânimos, as descobertas, as percepções ocorridas na coletividade do ambiente social dos sujeitos envolvidos, durante a pesquisa, bem como a postura da pesquisadora.

Os objetivos pretendidos nesta dissertação foram: apresentar a presença da pessoa com deficiência no mundo contemporâneo a partir de uma condição perceptiva, e problematizar as experiências da pessoa cega ou com baixa visão, nas relações e forças que atravessam os espaços coletivos onde vivem.

No município de Pelotas, RS, encontramos a escola Louis Braille, lá atuei como professora por cinco anos. Ela tem uma história entrelaçada com a da

cidade de Pelotas. Existe, desde 10 de junho de 1952, uma sociedade civil sem fins lucrativos que presta atendimento gratuito para pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão). Atualmente, direciona suas atividades para crianças, jovens e adultos, a maioria provenientes de famílias com baixa renda ou totalmente carentes, não só de Pelotas, mas também de diversos municípios do extremo sul do Estado. Seu principal objetivo é resgatar o vínculo das pessoas com deficiência visual com suas famílias e a sociedade, possibilitando um convívio saudável, independência nas atividades do dia-a-dia e criar oportunidades na busca de atividades profissionais, a fim de que exerçam sua cidadania.

A escola Louis Braille foi uma instituição que transformou minhas escolhas e meu processo de formação pedagógica, lá trabalhei entre os períodos de 2010 a 2015. Antes, já havia trabalhado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, com outras deficiências. Após essa experiência na APAE surgiu o trabalho com cegos e/ou baixa visão, no ano de 2010, o que se apresentou como outro desafio. Se os olhos dos educandos não exerciam mais a função de olhar, então, como eles iriam conhecer/reconhecer o mundo em volta e aos estímulos? Até então, eu acreditava que o aprender estava intimamente relacionado com a visão, e que tudo partia da visão, mas ao atendê-los em atividades práticas, constatei o meu equívoco. Surgiram, então, questionamentos: afinal de contas, quem é o “deficiente” nessa história? Quem é que não vê? O aluno cego, ou a professora que não “vê” outras formas, outras maneiras de aprender/ensinar? Que não vê a possibilidade de aprender/ensinar utilizando outros sentidos como o tato ou a audição, o que para os cegos é tão natural?

Com esses questionamentos e aprendizados cheguei ao projeto desta dissertação; os relatos das vivências e experiências de alguns alunos da Escola Louis Braille deram início à construção desta investigação.

O primeiro relato é o da aluna Poliana, ela comenta em uma conversa informal que, antes de perder a visão, sua vida limitava-se aos afazeres domésticos - lavar, passar, cozinhar. Sua família recebia todas estas atividades do lar a tempo e hora, pois para todos eles aqueles afazeres eram de responsabilidade da dona da casa, e quanto a isso não havia nenhum problema.

O segundo caso investigado é o de Ben Hur, aos 12 anos de idade perdeu a visão de um olho, em um dia que estava jogando futebol com outras crianças, quando a bola entrou na casa de um menino (vizinho), ele foi buscá-la, porém o menino da casa ao lado ficou descontente com aquela invasão e ocorreu um desentendimento, em que esse mesmo vizinho atirou uma pedra com o atirador (estilingue), que acertou um dos olhos de Ben Hur, ocasionando uma lesão grave, dando início ao processo de perda da visão.

Para alcançar este processo investigativo, realizei uma apresentação dos relatos de vida de outros alunos cegos, que frequentam a escola Louis Braille, pois foram essas experiências que ensejaram a escrita desta dissertação. Durante o percurso do ano de dois mil e quatorze (2014), estive lecionando junto à escola Louis Braille (processo inicial desta escrita), no ano seguinte, ocorreram mudanças drásticas em meu campo empregatício, fazendo com que eu necessitasse afastar-me da instituição que pesquisava.

Diante da leitura de cada relato pode-se afirmar que não é possível pensar numa espécie de “devolução” do passado para eles, em sua perda de visão. Mesmo que um cego volte a enxergar, não terá a mesma vida que perdeu. Mas, e se for preparado o tempo presente? E se for construída uma vida com os afetos mais potentes? Essa vida assim vivida tenderá a permanecer?

Por fim, este trabalho encerra-se com uma problematização que aborda os conceitos que estão sendo trabalhados neste texto em relação à cegueira e seus atravessamentos vivenciados pelos sujeitos pesquisados.

2- DEFICIÊNCIA VISUAL

Ao estudar sobre a cegueira nos dias de hoje, lanço um convite para entender de que maneira no decorrer da história, a falta da visão tem sido relacionada à deficiência. Segundo (Lorimer, 2000), algum tempo atrás, dizia-se que a cegueira era um fenômeno metafísico e/ou religioso. Estas concepções deram lugar à certeza de que cegueira é uma mera condição física relacionada à falta de visão.

Na história da humanidade, a cegueira vem sendo considerada como algo difícil de ser compreendido. As pessoas cegas, conforme Lorimer (2000), sempre foram consideradas como incapazes e dependentes, por isso sendo tratadas de forma desumana e colocadas à margem da sociedade e muitas vezes, em certas sociedades, era costume executar estas pessoas.

Nos últimos dois séculos, as sociedades passaram a valorizar o deficiente, e mais recentemente praticar a inclusão. A sociedade percebeu a possibilidade destas pessoas serem capazes de viverem de forma independente. Devido a este histórico social, pode-se analisar o porquê de a sociedade pensar que os deficientes só podem fazer isto ou aquilo, trabalhar com uma coisa ou outra.

No Brasil, há registros de crianças com deficiências visuais ou auditivas desde o censo demográfico de 1920. No fim do século XIX, criou-se uma instituição governamental para atender pessoas cegas no âmbito educacional, este era o Instituto Imperial dos Meninos Cegos. Este instituto transformou-se posteriormente no Instituto Benjamin Constant.

O Instituto Benjamim Constant foi criado pela iniciativa de José Álvares de Azevedo, que havia estudado em Paris, já no Instituto Imperial para Jovens Cegos, estudou também, Louis Braille, e foi onde este desenvolveu o Sistema Braille. Quando José Alvares voltou de Paris, após oito anos lutou de diversas maneiras a favor dos brasileiros cegos, seja transmitindo os conhecimentos adquiridos na França, ou lutando através de artigos em jornais. Conseguindo, enfim, fundar o Instituto Benjamim Constant com o aval de D. Pedro II, por intermédio do médico imperial José Francisco Xavier Sigoud. O instituto passou a

chamar-se Benjamim Constant, em homenagem ao Dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães que lecionou por muitos anos no instituto.

Desde a primeira década do século XIX, no instituto Benjamim, já existia a preocupação com a estimulação física do cego, e ficava a cargo do *Mestre da ginástica*. Esta preocupação reflete-se, hoje, nas diversas áreas da estimulação para pessoas cegas, desde bebês até a fase adulta.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde- OMS, - a deficiência visual atinge 315 milhões de indivíduos no planeta, o que corresponde a 5,1% da população mundial. Estima-se que no Brasil 1,2 milhão de pessoas possuam algum tipo de deficiência visual, ou tenham dificuldades para enxergar. A cegueira, a baixa visão e a dificuldade de enxergar tornam uma pessoa “diferente” das demais, e isso, muitas vezes, impede que ela exerça direitos já conceituados pela sociedade ocidental. Partindo da ideia de que há um modelo que estabelece pressupostos para um padrão de humanidade, ou seja, que existe um modelo de homem, de sujeito, de normalidade, portanto se uma pessoa não se encaixa nele, é porque lhe faltam às características que as condicionam como ser humano. No caso da pessoa cega a qual é chamada “pessoa com deficiência visual”, torna-se suscetível aos preconceitos estabelecidos socialmente, uma vez que as pessoas *deficientes* visuais são consideradas incapazes, pois a elas falta a visão. É como se essa falta, absurdamente, não complementasse sua condição de “humana”, de um sujeito “normal”, pressupondo que a incapacidade de ver, a torne totalmente limitada e incompleta. Assim, aprisionada à condição de cega, será sempre uma *deficiente*.

Minha caminhada

Minha caminhada como educadora na área de Educação Especial teve início em 1998, após a morte de minha mãe. Em decorrência desta perda, precisei trabalhar para sustentar os estudos. Comecei com um estágio remunerado na Associação de Amigos e Pais dos Excepcionais (APAE,) pelo Centro de Integração Empresa – Escola (CIEE). Até então, tinha um pensamento conservador em relação aos deficientes, pela falta de conhecimento, pois acreditava que a “deficiência” de uma pessoa tornava-a um ser incapaz de exercer sua cidadania, e de fazer parte da sociedade como qualquer outro sujeito.

Trabalhando na estimulação precoce com os bebês de 0 a 3 anos, com sequelas causadas por paralisia cerebral, não tinha sentimento de “pena”, nem dos bebês e nem das famílias, para mim eles eram bebês diferentes. Mas, diferença todos apresentam; o que os diferenciavam eram necessidades bem especiais, afinal paralisia cerebral causa lesões bastante sérias, por exemplo. Entretanto, necessidades todos temos, mas quando se trata de lesões irreversíveis e que chegam a modificar o corpo físico, a “necessidade” que se apresenta neste momento é de outra ordem. Eles eram “especiais”, portadores de necessidades especiais, só que, nesse caso, trabalhar com esse “ser especial” exigia mais atenção, uma orientação mais apurada, uma formação específica, era o que eu fazia, mas sem o sentimento de pesar. Sim, eram bebês que precisavam de uma atenção como toda criança, mas aqueles bebês careciam de ser atendidos sem que sua deficiência produzisse, em quem os atendesse algum impedimento, ou em qualquer outro profissional.

Após essa experiência com a paralisia cerebral passei a trabalhar com cegos. O trabalho com cegos e/ou baixa visão foi um outro desafio. Se os olhos dos educandos não exerciam mais a função de olhar, então, como eles iriam conhecer/reconhecer o universo respondendo aos estímulos? Até então, eu acreditava que o aprender estava intimamente relacionado com a visão. Que tudo partia da visão. Mas, ao atendê-los em atividades práticas, constatei que estava equivocada. Surgiram, então, questionamentos: afinal de contas, quem é o “deficiente” nessa história? Quem é que não vê? O aluno cego, ou a professora que não “vê” outras formas, outras maneiras de aprender/ensinar? Que não vê a

possibilidade de aprender/ensinar utilizando outros sentidos como o tato ou a audição, o que para os cegos é tão natural? De acordo com o dicionário Aurélio¹, de língua portuguesa:

DEFICIENTE: 1 Em que há deficiência. 2 Diz-se do número cujas partes alíquotas somadas não chegam a dar esse número. 3 Que ou quem apresenta deformação física ou insuficiência de uma função física ou mental; que ou quem apresenta uma deficiência.

DEFICIÊNCIA: 1 Imperfeição, falta, lacuna. 2 Deformação física ou insuficiência de uma função física ou mental.

No decorrer do texto, apresento uma escrita que esclarece as diferenças entre cegueira e baixa visão, retiradas de dados que foram coletados do Instituto Benjamin Constant², na pessoa do Antônio João Menescal Conde.

A deficiência visual divide-se em cegueira e baixa visão, em que é considerado cego ou de visão subnormal, quando a pessoa tem desde ausência total da visão até uma pequena percepção de luminosidade que podem definir formas a uma distância extremamente curta. Há duas escalas oftalmológicas que ajudam a estabelecer os dois grupos de deficientes visuais, que são a acuidade visual e o campo visual; a primeira é tudo aquilo que se pode enxergar a uma determinada distância, e a outra se trata da amplitude da área que a visão consegue alcançar. O termo “deficiência visual” não significa que não se pode enxergar, pois podemos encontrar pessoas com graus de visão residual, dos mais variados níveis.

A cegueira prejudica a capacidade de realizar tarefas rotineiras, do jeito que são feitas, normalmente, quando se utiliza a visão, mas é possível realizá-las de forma alternativa. Amaurose indica a perda total da visão. Não há nenhum resíduo de visão, nem mesmo uma pequena percepção de luminosidade. É comum entre os oftalmologistas usar o termo “visão zero”.

Quando se trata de “cegueira parcial”, o sujeito é capaz de contar dedos a curta distância, de perceber vultos, no caso de Ben Hur, aluno que participa desta

¹Dicionário Aurélio OnLine de língua portuguesa. Disponível em <http://dicionariodoaurelio.com>. Acessado em setembro de 2014.

²<http://www.ibr.gov.br/index.php?blogid=1&query=subnormal> em 18 de novembro de 2015.

pesquisa, ele diz conseguir ver os dedos a uma curta distância e em distâncias maiores, só enxerga vultos e identifica de onde vem a luz, possui percepção luminosa. São pessoas que estão bem próximos da cegueira total, considera-se ainda que possuam cegueira parcial, ou então, com visão subnormal. Nesses casos, há a distinção entre claro e escuro, o que confirma Ben Hur em um de seus relatos, “...consigo encher a garrafa térmica ouvindo o som da água, na hora de servir o café escolho uma caneca branca, pois consigo identificar o preto do café fazendo contraste com o branco da caneca...”

Em nível de escolarização, dizemos que são cegos aqueles que mesmo com baixa visão precisam utilizar-se da escrita em Braille (sistema de escrita por pontos de relevo), ou ainda através de *softwares* específicos para leitura de textos, e também os de baixa visão que precisam usar o recurso de impressos ampliados, ou ainda, dos que precisam de recursos óticos especiais com grande potência. Tal definição está mais semelhante à CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Esta classificação considera os aspectos sociais da deficiência e oferece uma maneira de definir o impacto do ambiente social e físico sobre a funcionalidade do sujeito. Identifica, por exemplo, a dificuldade de uma pessoa cega, ou com baixa visão conseguir trabalhar em um lugar, ou por não haver som de identificação de andares nos elevadores, ou por falta de um piso tátil, a falta de leitores de tela quando da utilização de computadores. A CIF identifica a prioridade da intervenção, ou seja, sugere que neste local será necessário implantar alguma das acessibilidades mencionadas, para que a pessoa não se sinta excluída, e pense que deve sair do emprego, por não ser apta a exercê-lo. Essa classificação considera que o lugar em questão, se não estiver em consonância com as normas de acessibilidade, um local deficiente, e não o trabalhador, com isto se pode afirmar que o cego, ou baixa visão está em equivalência com qualquer outra pessoa.

Clinicamente, considera-se cego quem possui um dos seguintes critérios: correção de 20/200 ou menos, da visão no olho com melhor desempenho, ou seja, ele pode ver a 6 metros de distância o que alguém com visão normal enxerga a 60 metros. Outro critério é se o diâmetro mais largo do campo visual subentende um arco no máximo de 20 graus, mesmo que sua acuidade seja maior que 20/200. Este último, muitas vezes, é chamado “visão de túnel” ou “em

ponta de alfinete”. Já para ser considerado com baixa visão a faixa de acuidade visual é de 20/200 a 60/200, e/ou campo visual entre 20 graus e 50 graus.

A educação especial no Brasil, que envolve estas pessoas classificadas como cegos, ou baixa visão, tem se voltado prioritariamente à inclusão. Seja o indivíduo com necessidades educativas especiais no campo da aprendizagem, de origem física, sensorial, mental, ou múltipla, assim como indivíduos com altas habilidades, superdotação ou talentos. O Estado tem obrigação de garantir a oferta de educação especial às crianças de 0 a 6 anos. A partir desta idade todas as pessoas com necessidades especiais, de acordo com cada caso, têm direito garantido por lei à educação especial em escolas regulares (art. 208, III), em todos os níveis de ensino. De maneira a possibilitar a inclusão de todos os seres humanos, a constituição garante, também, o direito a um atendimento especializado, aos educandos que, por razão de suas necessidades especiais, não possam ser assistidos pela rede regular de ensino, e este atendimento especializado poderá ser ofertado por instituições públicas ou privadas.

Os termos pelos quais devemos nos referir a estas pessoas estão definidos na lei 10098 de 2000, a qual denomina estas como: pessoas portadoras de deficiência, ou com mobilidade reduzida. Mas o termo correto que deve ser empregado de acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU, órgão do qual o Brasil é membro, é “pessoa com deficiência” seguido do tipo de deficiência que possui o indivíduo (Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas). Este termo definido pela ONU está definido por lei conforme segue: “Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)”, (lei 13.146 de 6 de julho de 2015), a seguir os tipos de deficiência:

- a) deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;
- b) deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz;
- c) deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou

menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores; d) deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: 1. comunicação; 2. cuidado pessoal; 3. habilidades sociais; 4. utilização dos recursos da comunidade; 5. saúde e segurança; 6. habilidades acadêmicas; 7. lazer; e 8. trabalho; e) deficiência múltipla - associação de duas ou mais deficiências; (**DECRETO Nº 5.296 DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004.**).

Conforme citei, anteriormente, a lei designa o termo "Pessoa com Deficiência", para se referir a quem possua algum tipo de deficiência física ou mental, e são classificadas por tipos, tais como, deficiência física, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência mental, deficiência múltipla. Porém, nesta dissertação vou optar por usar as nomenclaturas, "cego" e "baixa visão", para me referir aos meus alunos, companheiros de percurso nesta pesquisa. Devido ao fato de que a comunidade aceita a nomenclatura *peessoas com deficiência visual*, e também para que o texto não fique tão pesado com estes termos, então, a partir deste momento, afirmo saber e respeitar as nomenclaturas oficiais do Brasil e estarei utilizando-as nos momentos oportunos, excetuando quando me referir aos sujeitos envolvidos na pesquisa, quais sejam Ben Hur de quarenta e sete anos e Poliana de quarenta anos, pois a palavra "deficiente", em nossa cultura, dá um sentido conotativo e de tristeza, aparentando algo negativo, e/ou pejorativo.

Entende-se que esta escolha não ameniza a situação de quem passa pelo problema da cegueira, é mais uma maneira de estimular o leitor no uso dos termos, pois é muito importante que a sociedade saiba que as pessoas cegas, ou com baixa visão, são capazes, e que não são "deficientes" a partir do ponto de vista da inutilidade, segundo alguns conceitos sociais, mas sim que esta "diferença" não os impede de serem inseridos no meio social com igualdade e respeito.

Diante destas questões acerca de nomenclaturas sobre a perda da visão, interoguei-me: quem é o cego? O que é ser cego? O cego não vê mesmo?

Durante o período na Escola Louis Braille em que atuei como pedagoga e psicopedagoga, capacitada em estimulação precoce e deficiência visual, constatei junto aos alunos e seus familiares, uma série de conflitos que podem ser percebidos já nos primeiros contatos com a sala de aula e a instituição. Chama-me, a atenção, por exemplo, o sentimento de impotência da família para lidar com seus familiares que perderam a visão ao longo de suas vidas.

Pensando nisso, dediquei-me a realizar atividades dentro da educação especial que valorizassem o educando de maneira não preconceituosa, mas sim, levando-o a acreditar nas suas ações e a investir em seu potencial, propiciando, através de práticas pedagógicas, oportunidade para seu autoconhecimento e valorização de si. São algumas dessas práticas, que serão relatadas mais adiante, que deram as bases e os propósitos que sustentam e encaminham essa dissertação.

As questões de pesquisa que surgem neste projeto vêm de minha atuação, de minha caminhada como pedagoga, da convivência diária com meus alunos. Relatá-las auxilia a trazer o contexto problemático, o qual gerou esta dissertação, destacando o plano de investigação empírico que se sustenta pelos encontros que desestabilizam os meus modos de ser professora no contexto da educação especial, e que abrem espaços para se pensar as relações pedagógicas na contemporaneidade.

Para o encaminhamento inicial da pesquisa, contei com experiências que me ajudaram a construí-la. Primeiramente, recorri a minha caminhada na educação especial, chegando às experiências com os alunos da Escola Louis Braille, as dificuldades com as oficinas e o encontro com o Ben Hur, e logo a seguir, à problemática principal de pesquisa, juntamente com sua justificativa, objetivos e metodologia.

Entendo que movimentar-se no “dentro” de uma pesquisa produz muitos afetos, nem sempre agradáveis, mas, quase sempre, produtores de desejo, de *vontade de potência* que mostra o quanto a exposição é fator fundamental para que algo novo seja dito, seja proposto, seja escrito, principalmente, diante de inquietações, frustrações e medos que apareceram durante a trajetória.

Pelos relatos dos alunos pode-se antecipar que o encontro destes com outros *corpos*–seres humanos, pessoas tidas como “normais”, mas também lugares, objetos não comuns em sua rotina, situações inusitadas, pode interferir em seu modo de viver, mostrando que há um *grau de potência* (PELBART, 2000) que se manifesta, e não só neles, pois não são os únicos que participam da coletividade, trata-se de um composto constituído por professores, pais, amigos, e outros tantos elementos, e não só humanos, como a própria sociedade, compondo essas subjetivações.

Este grau de *potência*, segundo Deleuze em entrevista à Claire Parnet, gravação em vídeo que resultou no “O abcdário” (DELEUZE, 1989)², é conceituado não como uma potência ruim ou boa, mas como sendo uma intensidade e, deste modo, um baixo grau de potência é capaz de produzir maus afectos, do contrário, quanto maior a intensidade do grau de potência a possibilidade de produzir bons afectos aumenta. Cada indivíduo tem um grau de potência único, assim, afetando e sendo afetado de forma diferente. O baixo grau de potência tem um poder de escravizar as pessoas, de prendê-las em tristezas. E quando uma potência é grande demais o indivíduo pode não suportar, como o exemplo do pintor holandês Vincent VanGog, citado por Deleuze (1989).

Contudo, tanto as alegrias como as tristezas diferem em cada indivíduo afetado, pois dependem do grau de potência de cada um, ou seja, do quanto cada um, afeta e é afetado. Trata-se de uma produção de sentido que ocorre pela experiência, pelas afecções entre os corpos, é no encontro que são gerados os afectos.

Os relatos dos alunos contam sobre os agenciamentos entre os corpos que podem ser um ambiente físico, um clima, uma praça, muitas histórias de vida, imposições culturais, preconceitos, e todo um estado de coisas. E há *desejos*, há muitas formas de se viver na relação com o cotidiano, e essas não estão submetidas àquilo que se imagina como condição *a priori*, como ter a visão para ser capaz de realização pessoal, por exemplo.

² <https://www.youtube.com/watch?v=XuXa1blpJQc> acessado em 16 de maio de 2014.

3- TRILHANDO POR ENTRE PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Sigo a escrita da dissertação orientando-me por estas questões, sempre buscando sair da inércia. Tanto nas práticas desta pesquisa como naquelas de ensino de sala de aula, tentei seguir com outros procedimentos, inventando atividades e palestras mais participativas, fugindo das tarefas programadas, da matéria posta, da tinta escolhida, da moldura formatada. Professora e sujeitos na busca por produzir subjetividades pelos caminhos que se abrem à exploração.

Foram muitas as observações recolhidas no diário, estas se ativeram a capturar os ânimos, as descobertas, toda alteração ocorrida na coletividade dos ambientes os quais trilhei com o Ben Hur e Poliana, sujeitos participantes da pesquisa, buscando saber das repercussões na família e no convívio social. Apesar da dificuldade que senti, quis investir na seleção de um material conceitual que fosse capaz de produzir outros modos de ver, viver e apreender, apontando outras visualidades a respeito das pessoas cegas.

Através das observações recolhidas no caderno, constatei que houve uma evidência dos sujeitos quanto aos seus afetos, quanto ao que eles são compostos, o que podem em suas vidas. Minha abordagem tentou olhar para aquilo que escapa aos enquadramentos, às categorizações daquele modelo de homem que já vem impregnado das regras que dizem como educar. Modelo que ignora as escolhas e os caminhos de cada um, que já prevê tudo de antemão, que preestabelece onde se deve chegar, reforçando um “sujeito” a ser modelado. Pergunta-se ainda: mas, sendo as perdas irreparáveis no sentido fisiológico, em quais outros “sentidos” seria possível investir? Que outra vida poderá ser vivida? Como a vida pode ser um ambiente promotor de *desejo* (DELEUZE, 1976)?

Por aí se estabeleceu uma discussão a respeito da vida dos cegos que deixaram de ver em sua concepção fisiológica, ou que ainda vem pouco, destacando quais implicações cruzam este campo de forças constituído por vidas que continuam em movimento, tendo como foco suas relações, considerando todos os afetos gerados no dia a dia. Exclusão, depressão, anonimatos estão presentes, mas há também predisposição para a coragem e a satisfação.

Como pesquisa de campo, os procedimentos utilizados para sua realização compuseram-se de ações e instrumentos, tais como: pesquisa bibliográfica e eletrônica, conversas informais individuais e coletivas, com a preocupação de oferecer a leigos e profissionais, na área da educação e saúde, uma dissertação relevante em sua constituição filosófica e pedagógica, que contribua para as discussões deste tema.

Para essa pesquisa, recorre-se a um referencial teórico que permite uma abordagem que considera a realidade enquanto coletividade, na qual participam *corpos*, humanos e não-humanos.

O procedimento metodológico adotado nesta investigação, o qual se aproxima da cartografia, permite que se desloquem tanto os sujeitos participantes como a professora, em busca de experiências que respondam às indagações de pesquisa que se atêm ao *corpo* (ROLNIK) e ao *desejo* (DELEUZE). A cartografia não gera resultados específicos, devido à imprevisibilidade dos processos de subjetivação do ser humano, onde o *depois* é sempre mutável. Passar a fazer parte da pesquisa junto com o cego, e participar das experiências, de acordo com Kastrup: “sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita” (PASSOS; KASTRUP, 2010, p.30).

Esse desejo vem desde o início de minha carreira, sempre querendo desempenhar ainda melhor meu papel como educadora. Minha entrada no programa de mestrado sucedeu-me inúmeras mudanças, mas mesmo assim minhas incógnitas seguem as mesmas, e continuo com o desejo de descobrir mais a respeito do cego e da cegueira. Assim recorro a procedimentos do método cartográfico não para encontrar respostas, mas sim para aprender durante o processo.

O método da cartografia não é um conjunto de regras para ser aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido. Sendo assim, a aprendizagem da cartografia não é questão de aquisição do saber nem de transmissão de informação. É preciso praticar a cartografia. A formação do cartógrafo não se fundamenta na experiência passada, mas encontra sua chave na experiência presente. Trata-se mais de um refinamento da percepção do que o apelo ao saber acumulado ou à memória. É, acima de tudo, uma questão de aprendizado da sensibilidade ao campo de forças. Trata-se enfim, de um cultivo da

atenção concentrada e aberta à experiência de problematização.
(Passos, Kastrup e Escóssia 2009, p. 201)

Trata-se de aprender o que em determinado momento necessita ser aprendido, e não aquilo que eu julgo como uma “verdade” que se precisa ser revelada. É o próprio processo de cartografar que irá mostrar quais os questionamentos que eu devo ter e é durante o desenrolar da pesquisa, que o conhecimento vai surgindo, criando, assim, novos saberes.

4. RELATOS INCENTIVADORES

Logo a seguir, apresento os relatos de alunos do Braille, os quais deram origem a esta investigação. Apenas o caso de Poliana teve um princípio de continuidade, mas que também não se desenrolou, os motivos destas mudanças se deram porque Poliana sofreu uma isquemia e, desde então, tornou-se impossível a continuidade dos encontros e trocas com esta aluna. Entretanto, os relatos sobre ela permanecem, devido ao impacto de aprendizado que ela me proporcionou.

Vamos ao caso, então, da aluna Poliana, quarenta anos, ela comenta em uma conversa informal que, antes de perder a visão, sua vida limitava-se aos afazeres domésticos - lavar, passar, cozinhar. Sua família recebia todas estas atividades do lar a tempo e hora, pois para todos eles aqueles afazeres eram de responsabilidade da dona da casa, e quanto a isso não havia nenhum problema.

Mas, sem que ela percebesse segundo Poliana, as roupas lavadas por ela começaram a ficar manchadas, a casa a ficar mal varrida, as flores de seu jardim a não ter mais o mesmo colorido. Mas ela continuava com sua rotina, pois acreditava que era o cansaço e o stress que estariam alterando os resultados de seu trabalho. Após alguns exames, um dia, e praticamente junto com a cegueira, chegou o diagnóstico de glaucoma causado pela Diabetes, fato que veio a mudar radicalmente a sua vida.

Poliana foi encaminhada pela equipe médica ao Centro de Reabilitação Visual Louis Braille, para receber as orientações necessárias para a sua nova condição de vida, já que teria que se acostumar com a ideia de ser uma pessoa cega. Ao chegar, ela foi recebida pela psicóloga que lhe fez uma avaliação e a encaminhou para os setores que poderiam auxiliá-la; dentro da escola ela passou a ter aulas de Orientação e Mobilidade e de Atividades de Vida Diária (AVD), o que para ela significava, por mais estranho que parecesse, o atendimento a sua vontade de recuperar sua condição de vidente. Através da Orientação e Mobilidade ela poderia locomover-se sem depender de ninguém. Com as aulas de AVD retornaria suas atividades de rotina sem que sua família “saísse perdendo” por causa de sua deficiência.

O que se segue com este relato em relação ao comportamento da família de Poliana, não é diferente das demais, esta sentiu uma necessidade de protegê-la, passando a vê-la como uma pessoa incapaz de locomover-se sozinha, ou de realizar suas tarefas, por mais que ela expressasse que podia seguir com suas atividades rotineira, as negativas de seus familiares em relação a isso tornaram-se constantes em sua vida.

Mas Poliana, uma pessoa de astral incontestável, aproveitando-se desta maneira protetora dispensada pelos seus familiares, resolveu que aceitaria as novas condições, ou seja, que estaria sempre acompanhada e que outra pessoa responsabilizar-se-ia pelos afazeres domésticos, porém, com a condição de ela frequentar as atividades proporcionadas pela Escola Louis Braille, atividades estas que não teria oportunidade de realizar se não tivesse enfrentado o problema da cegueira. Argumentava, ainda, à família que, segundo as recomendações da psicóloga, era para ela não correr o perigo de uma entrada em depressão. E todos concordaram e, desde então, para a surpresa da própria Poliana, foi que sua rotina movimentou-se como em nenhum outro momento em sua vida. Nem os melhores sonhos de sua juventude a fizeram desabrochar tanto, *feito uma cálida em um casulo* constatação feita por ela mesma.

Naquele momento, Poliana começou a participar do Grupo de Teatro da escola, do Grupo de Percussão, do Grupo de Adultos Vivendo e Convivendo, acompanhando todos estes grupos, vai com eles para onde eles forem, inclusive a outras localidades fora de Pelotas.

Observando o percurso de Poliana, desde o seu ingresso na escola em quatro de setembro de dois mil e nove, nota-se que houve profundas mudanças em sua vida de “deficiente” visual. Em suas conversas ela afirma, surpreendentemente, que a deficiência trouxe muitas coisas boas e que ela não está impedida de realizar sonhos antigos e novos. A sua vida social antes inexistente, agora ocupa todo o seu tempo e, entre risos e gestos de docilidade, quando escuta vozes de reclamação de algum colega com deficiência visual, docemente ela afirma:- *Eu sou cega! Mas eu sou feliz!*

Partindo do relato de Poliana, apresento outros relatos, de outros alunos da mesma escola, que reafirmaram a importância da história desta mulher. Esse

despertamento deu-se em um passeio à praça Dom Antônio Zattera, à qual fica localizada na zona central da cidade de Pelotas, em um ensolarado dia de outono no mês de abril, empurrando a cadeira de rodas de Emilio, aluno com baixa visão, junto com sua turma; ele observava os movimentos e piruetas que um grupo de meninos fazia na pista de skate. Ele virando-se para mim, com uma fala esperançosa e um olhar de desejo impossível, comentou: - *O que será que eles sentem andando de skate? Vamos perguntar para eles professora?*

A pergunta provocou-me questionamentos sobre o que e como ele se sentia em relação a uma produção de imagens daqueles meninos que andavam sobre pranchas com rodinhas em sua vida. Como ele “via” um skatista? Quem era, ou como era, um menino de skate? Não havia definição, somente borrões de pensamento. Algo a ser construído, um desejo compartilhado. Então falei: - *Mas será que eles vão querer conversar conosco?*

E ele respondeu: - *Chame eles e pergunte, se a gente não tentar não saberemos!*

Diante da resposta corajosa e desprendida de qualquer rótulo, preconceito ou medo, compreendi que quem sentia tais sentimentos era eu. Eu tinha medo de expor meus alunos a uma situação conflituosa e de sofrimento que tal acontecimento pudesse causar. Por fim, contagiei-me da coragem de Emilio e chamei um menino do grupo de skatistas. Ele veio até a mim com suas roupas opacas e boné importado. Natural e sorrindo, cumprimentou-me. Apresentei aos alunos e a mim. Informei para o menino de boné que Emilio e demais colegas eram deficientes visuais, e que eles estavam curiosos, interessados com as percepções daquele encontro, com a produção de imagens que a brincadeira com o skate produzia naquele dia de sol.

Pude perceber que naquele momento o menino de boné chocou-se, desorientou-se, como se caísse do seu skate prateado. Aquilo que ele viu chegava como algo nunca visto ou ouvido antes por ele. Na minha intuição o menino skatista podia ter até visto pessoas cegas, no entanto, dentro da sua experiência, não havia interagido com elas. Isso era possível perceber através de seus gestos, pois, enquanto falava gesticulava como se tentasse usar uma

linguagem de sinais, como LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), mesmo sem demonstrar nenhum conhecimento sobre esta língua, fazia gestos aleatórios.

Constatee, nesse momento, que o nosso olhar passa mensagens que permitem ver muitas coisas ao mesmo tempo, mas, algumas vezes, fica difícil perceber o que enxergamos, quando há um constante movimento, um desejo de produção do que enxergamos se refazendo, essa conclusão deu-se porque o menino não soube o que dizer, segundo ele, nunca antes havia encontrado cegos em suas andanças na praça, e, diante da estranheza do momento, num gesto generoso, disse: - *Vou chamar um cara que é melhor com as palavras, vai saber explicar melhor pra vocês qual que é a sensação!*

Gesticulando com as mãos chamou um amigo, este veio caminhando, apressadamente, trazendo consigo a leveza da juventude, o sorriso de um andante de skate e a delicadeza de seus cabelos longos, loiros e cacheados. Ele foi apresentado pelo menino do boné ao grupo e informado da sua missão naquele momento era descrever para Emilio e os demais, a sensação de andar de skate, e assim ocorreu.

O rapaz dos cabelos cacheados, entre uma mexida nos cachos e outra, confidenciou em um tom de voz que remetia a um segredo pessoal, e calmamente relatou a sua percepção, sensação e sentimentos, quanto ao movimento, e a sua relação com seu corpo físico ao fazer as manobras no skate: - *Para mim cada manobra que eu faço com o skate é como se vencesse uma batalha da vida, eu tenho uma sensação de liberdade intensa, me sinto livre, me sinto poderoso, me sinto capaz.*

Ao mesmo tempo em que falava, olhava para seus pés sobre a terra, sentindo-se capaz de qualquer manobra radical com o skate, o que na minha íntima observação o transformava em um “semideus, um super-homem”. Esta conversa produziu-me ressonâncias estratégicas com as percepções reveladas naquele espaço. Nietzsche diz que “O Super-homem é o sentido da terra, diga vossa vontade: Seja o Super-homem o sentido da terra”. E assim, enquanto o menino de cachos relatava suas experiências, outros skatistas juntavam-se ao grupo.

Naquele momento, não eram mais dois grupos: skatistas e alunos da Escola Louis Braille, e sim, um grupo apenas. O brilho daquele sol da manhã transmitiu a sensação de segurança e conforto. Olhar aqueles jovens conversando, tomando chimarrão, contando histórias, sorrindo e demonstrando espontaneidade reforçava a ideia de que temos pontos em comum e limitações também. Estávamos ali, sem qualquer compromisso com verdades, preconceitos, medos, deficiências. Éramos pessoas. Os meninos falavam do que sentiam a partir de um vocabulário monossílabo, fazendo manobras na pista.

Um deles, alegremente, convidou os demais para experimentar: - *Vocês querem andar de skate?*

O outro skatista disse: - *Não cara, como que eles vão andar? Tá maluco?*

Mas o menino sorridente, que ofereceu o skate, não se importou com a negativa do colega, e simplesmente entregou o skate para Gepeto, um rapaz de vinte e três anos sorridente, feliz, que em nosso cotidiano, na relação professora e aluno, parece perceber o mundo de forma colorida, festiva e perfeita. Gepeto foi o primeiro a andar no skate, com sua despreensão e alegria que lhe é imanente. O menino que ofereceu o skate ajudou Gepeto a andar, segurando-o pelas duas mãos, como um pai que ensina um filho a caminhar.

Cazuza foi o segundo a andar de skate, rindo timidamente de felicidade, ele é um aluno que relata “enxergar” o mundo nas formas olfativas, táteis, sensitivas, utilizando-se dos sentidos remanescentes, é um adulto tímido dentro de um universo de luzes e cheiros. Olhando para aquela cena, naquele momento impar, senti a importância das coisas simples da melodia que envolve cada tempo, dentro do seu espaço que nos torna humanos.

Depois de encontrarmos os skatistas, seguimos o passeio pela Praça Dom Antônio Zattera, que conta com brinquedos, pipoqueiro, parquinho com seus cavalinhos coloridos. Antigamente, nela habitavam macacos dentre outros seres vivos, por isso foi chamada de “praça dos macacos”. Enquanto passeávamos pelo entorno da praça, eu relatava a eles o que ia vendo, pois alguns do grupo de alunos não enxergam nada, ou enxergam pouco. Descrevia as flores, o prédio da antiga Academia Sul Rio-grandense de Letras, a Cruz Cristã que se encontra próximo à academia, artefatos simbólicos da marinha, o busto do Almirante

Tamandaré, interagindo-se com os artefatos como se fossem brinquedos. Esta praça conta com muitas árvores – grandes e frondosas, pequenas com folhas miúdas. Espécies da flora brasileira que a tecnologia possibilitou ali serem plantadas. Quando descrevia uma árvore grande, imensa. Cazuzza disse: - *Eu nunca toquei em uma árvore grande, ela é grande quanto?*

Ele queria saber o tamanho exato da árvore, pois as árvores que conhecia e tinha tocado, estavam próximas ao seu tamanho. Percebi o quanto minha descrição tem limites, por mais que eu detalhe o que é uma árvore alguma coisa escapa, e é sobre esta “coisa” que Cazuzza quer saber, senão ele não teria me feito a pergunta. Uma árvore grande, enorme, dentro da sua imaginação tornava-se algo a ser investigado pelo corpo físico, pelo toque, pelos sentidos. Então, senti a necessidade de apresentar a ele partes do mundo daquele momento, o que se resumia àquela árvore. – *Cazuzza queres tocar na árvore para ver o quanto ela é grande?* Perguntei a ele apressadamente. Ele respondeu que sim. Então conduzi-o até a árvore e coloquei suas mãos no caule, e ele se abraçou à árvore dizendo: - *Nossa! Mas é muito grande, precisa duas pessoas para fazer a volta nessa árvore! Eu não pensei que fosse tão grande assim!*

Naquele momento, por um reconhecimento físico houve uma apropriação, Cazuzza sentiu a árvore com o próprio corpo e pode construir uma ideia de mundo, deu sentido às coisas que ouvia falar, no caso uma árvore, elaborando seu próprio conceito de “árvore”. Pensei, há muito para ser sentido, principalmente, aquilo que é tão comum aos meus dias, e que vejo sem dar muito importância, ou valorização apropriada.

No dia seguinte, o passeio na praça produziu ressonâncias e significações na escola, logo na chegada houve várias abordagens dos alunos querendo saber informações a respeito das fotos do passeio, se eu havia trazido para mostrar para eles. Estavam em um estado de euforia e felicidade, em sala de aula, Emilio comentou sobre o jovem de cabelos cacheados dizendo: - *Imagino andar de skate, deve mesmo ser uma baita sensação de liberdade, se para eles é, imagina para mim, se um dia eu conseguisse sair da cadeira de rodas e realizar manobras em um skate!*

Este comentário do aluno fez-me pensar em “semelhanças” e “diferenças”. A semelhança, na obviedade de que todos somos seres humanos, independente de etnias, sexo, condições financeiras, gostos, preferências. A diferença manifesta-se na igualdade dos seres humanos, nas pessoas que se agrupam por distintas razões, às vezes, por escolhas, como é o caso dos skatistas, outras por percalços da vida, como os cegos. Dos dois grupos que se encontraram naquele dia de abril ensolarado, havia de um lado alunos do Louis Braille com deficiências visuais e de outro os skatistas, com suas manobras cheias de significados diferentes. Nem todos nós somos skatista, por isso penso, quão difícil deve ser experimentar manobras em cima de uma tábua com rodinhas, assim como, também, deve ser difícil andar pelo mundo sem enxergar. Se skatistas e cegos são seres semelhantes e diferentes na sociedade em que vivem, indago, então, sobre o que os fazem potentes? O que aumenta ou diminui sua vontade de agir, de viver, de aprender?

Cazuza, um aluno adulto que estuda na escola desde os cinco anos de idade, o mesmo que estava no passeio à praça D. Antonio Zattera, certa vez ao conversar, em sala de aula com seu colega Bento, que tem baixa visão que de repente se dirigiu a mim chamando-me de “fofa”, então eu, imediatamente, perguntei se eu era fofa de gorda ou era fofa de querida e, antes mesmo de Bento responder, Cazuza comentou: - *Bah, como tu vai chamar a professora de gorda?*

E Bento respondeu: - *Ué, mas ela é mesmo gordinha, que tu não sabias Cazuza, que ela é gordinha?*

Cazuza respondeu: - *Não, eu não sabia, eu imaginava ela diferente!*

Neste momento, percebi que Cazuza não tinha a noção de como eu e seus colegas éramos fisicamente. Perguntei em seguida a ele, como me imaginava, como ele criava uma imagem de alguém se ele nunca havia enxergado esta pessoa; de imediato ele me respondeu que ouve a voz, sente o cheiro, sente o coração quando permitem e com estes dados vai criando imagens, comparando com as pessoas que ele já “viu”. Perplexa com a resposta, indaguei: - *Como assim, pessoas que tu já “viu”?*

Ele respondeu com muita tranquilidade: - *Professora, eu vejo diferente de ti. Tu vês, com os olhos, e eu com os outros sentidos, como o tato, tocando o corpo das pessoas, com o olfato sentindo os perfumes. Tem algumas pessoas que eu conheço pelo cheiro, outras pelo andar, outras pela voz. Tu vês com olhos e eu vejo de várias outras maneiras. Tu me entendes, professora?...*

Refletindo sobre esta conversa, posso dizer que ao comparar com o passeio à praça, e com o encontro com os skatistas, com o abraço à árvore, o abraço ao corpo “fofo”, há sempre uma questão do desejo em conhecer o mundo, produzir alguma coisa com ele, e que está implicado com o corpo, como se esse conhecer aumentasse a vontade de viver de cada um, uma questão *de grau de potência*, mas com isso surge um outro *corpo* junto a esse corpo fisiológico.

Pensando sobre essa conversa, reporto-me a outra experiência que tive nesta minha vida de professora, ao ser interpelada por uma mãe que revelava a sua insegurança e medo de assistir seu filho apresentando-se na festa de Páscoa da escola, pois temia seu fracasso. O filho chama-se Emilio, um adulto de quarenta e um anos, cadeirante por paralisia cerebral, deficiente visual, baixa visão, com limitações na linguagem expressiva devido à paralisia.

O fato aconteceu dias antes da data da referida festa, ela me chamou e perguntou: - *Professora, a senhora tem certeza que vai colocar meu filho para ler uma mensagem diante de tanta gente?* Eu havia planejado que todos os alunos iriam realizar uma apresentação de páscoa, inclusive Emilio.

Sem pestanejar respondi: - *Sim, eu tenho certeza. Acredito no potencial de seu filho. Ele está preparado para ler, pois estou trabalhando com esta turma para desenvolver autonomia, independência, maturidade, autoconfiança ele se mostrou disponível para se apresentar, e isso é a prova concreta do desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.*

Ela, imediatamente, respondeu-me: - *Tomara que a senhora saiba o que está fazendo! Não gostaria de ver meu filho frustrado, por não conseguir ler, e também pela possibilidade das pessoas não conseguirem entendê-lo!*

E o desfecho deu-se deste modo:

Chegado o dia da festa. Tudo preparado. O texto produzido coletivamente por meus alunos, baseado em uma crônica de Luis Fernando Veríssimo e Rubem Alves; digitei-o em letra *Times New Roman*, fonte 36, que é o tamanho de fonte legível para o aluno que iria ler. O texto trazia uma reflexão sobre porque é o coelho da páscoa e não a galinha da páscoa, já que coelho não põe ovos e sim, a galinha.

Quando chegou o dia e a hora de sua apresentação, Emilio posicionado em sua cadeira de rodas, juntamente com seus colegas, e com o auxílio de sua professora, leu o texto junto ao microfone em alto e bom tom. Com suas limitações sim, mas leu. Naquele momento, pude perceber que não somente para meu aluno, mas também para mim, para sua mãe e para muitos de meus colegas algo havia acontecido. Não posso falar pelos presentes, mas posso dizer que para mim foi um grande momento de superação. Superações, como logo eu veria a perceber, pois, desde o dia em que eu afirmei com muita convicção para aquela mãe, sobre acreditar no potencial de seu filho, que ele iria surpreender, afirmei e reafirmei para mim mesma, o que ainda era dúvida, pois eu temia o que poderia acontecer em relação à repressão e desaprovação dos outros presentes naquela festa de Páscoa, mesmo sendo um espaço escolar de aprendizagem e formação sensível. Eu me questionava, se no momento da apresentação Emilio chegasse diante de todos e, por timidez, por medo, ou por algum outro motivo qualquer, não conseguisse falar? O que eu, educadora, faria, tão senhora de mim, tão confiante? E se ele viesse a se incomodar com a possível reação de “risos” da plateia?

Neste momento, ao buscar as forças que envolveram aquele dia, percebo que lá se anunciava um ato de superação que aguardava por mim. Conscientizei-me de que havia em mim, também, a necessidade de convencer-me, de que Emilio tinha plenas condições de realizar tal leitura, mesmo com suas limitações evidentes, isso gerava uma situação que me colocava à prova, forçava-me a investir, a apostar no desconhecido, no que eu não sabia. Ao mesmo tempo, havia comigo uma intuição, uma suspeita, que me empurrava para o desafio e todas as consequências que ele demandava. Eu necessitava superar meus medos.

Outro acontecimento marcante em minhas experiências de professora foi o reencontro com um amigo de infância, o Ben Hur, depois de anos sem vê-lo; e foi por causa deste momento que decidi convidar este amigo de infância para fazer parte da pesquisa.

Certo dia, chegando ao trabalho pela manhã, olhei para as pessoas que aguardavam por seus atendimentos e cumprimentei-os, desejando um bom dia, mas um rosto entre muitos chamou-me a atenção, ao observá-lo por alguns minutos veio em minha memória o anseio de lembrar de onde eu conhecia aquele rosto. Eu havia convivido boa parte da minha infância com aquela pessoa, que era um colega da escola desde os anos iniciais, e quem eu não via há um certo tempo. Por alguns instantes fiquei imaginando o que ele poderia estar fazendo ali, talvez buscando atendimento para algum familiar, para a mãe que deveria ser uma pessoa idosa. Enfim, pensei em muitas possibilidades, exceto que o paciente poderia ser ele. Como é curioso, eu não imaginava uma pessoa que conheço passando por uma situação dessas, de perder a visão, e para tanto, necessitar reaprender as coisas básicas da vida, utilizando-se dos outros sentidos que não a visão.

Principalmente ele, uma pessoa muito ágil, determinada e independente. Então, lembrei que na época em que havíamos sido colegas ele participava e era responsável pelo grupo de teatro da escola. Eu sabia que ele fazia parte de uma ONG chamada Anjos e Querubins, à qual até hoje atende crianças carentes da periferia de Pelotas³. Mas todos estes pensamentos passaram em minha lembrança como nuvens transitórias. Fui em sua direção e falei: “– Oi, tudo bem? Tu és o Ben Hur?” Ele respondeu: “- Sim sou eu mesmo. Naquele momento, pela maneira como ele ergueu a cabeça para falar comigo, percebi que quem esperava por atendimento era ele e não a pessoa que o acompanhava. Ao concluir isso fiquei um pouco perdida e sem saber o que fazer e dizer, pois, por mais que a gente enquanto profissional diga que as pessoas com deficiência são “normais”, e que elas conseguem superar todas as dificuldades que lhes são

³ A ONG Anjos e Querubins em agosto de 2003, num dos bairros mais violentos de Pelotas, o Bairro Getúlio Vargas. A proposta era tirar das ruas crianças e adolescentes e dar a eles atividade cultural, envolvendo os jovens com a música, teatro e dança.

impostas, seja pela deficiência ou não, ao nos depararmos com uma pessoa conhecida a reação é outra.

Quando entendi que o meu amigo era o paciente, foi impressionante a rapidez com que deixei de ser a Rita “Professora Reabilitadora Visual”, agindo apenas como uma antiga amiga. Neste momento, percebi como estava frágil, desprovida de conhecimento e despreparada para a vida. No caso do Ben Hur, eu sentia-me mais despreparada ainda, visto ser uma profissional capacitada para estar ali, sentindo-me totalmente perdida diante de meu amigo, agora quase sem visão. Agora entendo que são os afetos nos sacudindo... são nossas paixões mostrando que não sabemos do que somos capazes, e que por isso, a razão se perde, mesmo que se repita internamente: “eu controlo”, “eu entendo”, “eu sei”.

Perguntei a ele: “- O que fazes aqui guri? Lembras de mim? ” Ele me respondeu em um tom um pouco envergonhado, o que não era comum a ele, não ao Ben Hur que eu conhecia: “- Estou aguardando para uma consulta com o oftalmologista, pois estou com um probleminha de visão. Talvez por isso não te reconheça”. Então, ao falar para ele quem eu era, ele lembrou dizendo: “- Bah, que legal te encontrar aqui! Já não me sinto mais tão perdido! ” Mal sabia ele que “a perda” da situação, era eu.

A primeira reação deixou-me abalada, mas, ao mesmo tempo, sabia que precisava recompor-me e conversar com ele com naturalidade. Aos poucos, fui buscando informações: o que ele tinha, o que estava sentindo, se tinha sido encaminhado a um especialista, etc. Ele me dizia estar passando por uma série de dificuldades e que esperava ali encontrar o caminho para aprender a superá-las. Pude concluir, a partir da nossa conversa, que ele estava ali em busca de possibilidades de superação para suas dificuldades, deste modo, ele já não estava “tão mal” quanto outros reabilitandos que chegam à escola, não raras vezes assustados e deprimidos por conta de sua nova situação de vida, causada pela deficiência visual.

E, mais uma vez, a professora Rita aprendeu muito com seu ex-colega de ensino fundamental, aluno da escola de infância, e que em pouco tempo se tornou responsável pelo Grupo de Percussão, no qual os alunos tocam instrumentos musicais e cantam diversas músicas, e maravilhosamente bem.

Muitas vezes, em nossos encontros ele comenta, entre uma lágrima e outra que, até o momento de se tornar uma pessoa com deficiência, ele acreditava saber viver, mas aquele “povo”, referindo-se aos alunos da escola, é que sabia viver e que estava ensinando a ele que existem muitas maneiras de se aprender e reaprender a viver a vida.

Revivendo o encontro com Ben Hur, compreendi que a caminhada de quase todos na escola, e não só de alunos, é muito parecida, ou seja, eles chegam com medo do presente, do futuro e do desconhecido, daquilo que não podem “ver”, e paralelo a este medo, vai crescendo a necessidade de aprender a ver o mundo de outra forma, algo que até então eles desconheciam.

Outra situação que chega neste momento de problematização de minha pesquisa, diz respeito aos diferentes comportamentos das famílias quando se encontram junto de meus alunos cegos e/ou baixa visão. Algumas se comportam com naturalidade, quero dizer, como se vissem a deficiência visual como algo natural, os familiares apenas observam a pessoa se locomover, como ela vai e vem livremente pelo espaço, caminhando e até mesmo dançando, tudo acompanhado sem maiores preocupações. Já, para outras famílias, a liberdade é um problema, acredito que seja pela superproteção, ao tentar proteger a pessoa com deficiência a família acaba limitando a vida do deficiente, andando atrás a cada passo, não permitindo novas experimentações.

Um fato intrigante é quando os familiares conversam comigo sobre suas preocupações com seu filho ou parente com deficiência visual: dizem que buscam proporcionar momentos que ajudem a pessoa cega e/ou baixa visão a desenvolver sua autonomia e independência da melhor maneira possível. Mas, em minha análise, vejo outra realidade, é como se eles não alcançassem a dimensão de seus atos, pois os vejo em oposição à ideia de liberdade. Quando estamos todos juntos, os pais se comportam de maneira totalmente diferente, cuidando, limitando e protegendo demasiadamente, fazendo com que haja pouca liberdade. Percebo que este excesso de cuidado causa uma postura mais retraída em alguns dos meus alunos, que parecem mais quietos, mais tímidos, como se fossem outras pessoas.

4.1. OUVINDO OS EFEITOS DOS RELATOS EM MIM

Após escrever estes relatos percebi que existia uma antiga “Rita” que pensava de forma condicionada, aliás, comportamento bastante comum à maioria das pessoas que começam uma caminhada como a que venho trilhando na Educação Especial, esclareço que todas as atividades que aparecem nos relatos foram pensadas por mim. Eu estava muito presente, sendo que aos alunos só cabia a execução das tarefas. Por exemplo, escolhi levar os alunos à Praça Dom Antônio Zattera, selecionei a escrita do texto para a festa da Páscoa, o último trabalho do ano de 2014, foi um tipo estilizado de árvores de Natal. A partir do momento em que passei a relatar estas práticas pedagógicas junto aos alunos, a fazer leituras e produzir encontros, algumas coisas tornaram-se, ao longo da caminhada, desconfortantes, talvez coisas que a antiga “Rita” não pensaria, por não trazer qualquer significado a ela, mas que, neste momento, começa a produzir sentido.

Não poderia prosseguir meu trabalho, sem falar sobre este desconforto, a experiência que me fez perceber uma potência transbordante, obrigando-me a repensar o que fazer, que caminho seguir. Diante destas constatações, perguntei-me como ficava o processo de escolha destes alunos? De que forma poderia observar os recortes de criação deles, aquilo que permite problematizar outras formas de enxergar e sentir? Por tais motivos, e outros que não se apresentam agora, mas que surgiram nas dobras do percurso, tinha a proposta de criar junto com eles momentos em que poderiam partir de suas próprias experiências, de seus encontros com seus pares, a produzir subjetividades. Pensei em selecionar apenas dias de encontro, e pensar junto com eles o que fazer, quais jogos, quais experiências, sem dar os modelos prontos, tal como eu vinha fazendo.

Porém, a pesquisa tomou outro rumo, estas ideias que estavam no projeto de qualificação não se realizaram, contudo, a “nova” Rita que seguiu desenvolvendo o projeto, perseguiu um novo tempo de investigação sob os efeitos de uma transformação, os quais se tornaram importante para o desfecho do projeto com uma nova abordagem. Percebi que mudei o olhar sobre o meu fazer, sobre as minhas práticas, pois antes eu tentava dirigir os acontecimentos

para que chegassem a algum resultado pré-determinado. Agora penso, que apontar esta direção, se for esse o caso, deveria vir de quem está comigo, claro que com minha ajuda. Porque não permitir que haja decisões, escolhas por onde e como trilhar uma caminhada, ao invés de eu condicionar tudo? Assim, em algum momento a nova “Rita” pensou em não ser a executora, mas sim uma mediadora, uma participante, enquanto preparava leituras e organizava um novo projeto de dissertação. Perguntei: de que forma poderia observar os recortes de criação, a potência de um *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2004) em seu exercício de subjetivação?

Corpo vibrátil mencionado é algo que interage com o mundo, que vibra e se deixa influenciar, é nossa porta de comunicação com o lado externo. Através dele interagimos com outras pessoas e objetos, e nos vemos obrigados a recriar nossa própria subjetividade e objetividade, fazendo de nós seres em contínua transformação. Segui com estas perguntas até o fim da dissertação, agora acompanhando a vida de Ben Hur e Poliana.

4.2. OUTROS RUMOS

Logo após a qualificação de meu projeto de pesquisa, houve mudanças em minha vida profissional; fui nomeada como professora em dois concursos públicos, um municipal e outro estadual, praticamente ao mesmo tempo, o que me fez ter de escolher entre ir embora ou ficar na escola Louis Braille e, então, deixar para trás um sonho de ter estabilidade profissional, ou seja, ser concursada. Pedi demissão da escola Louis Braille, onde pensava realizar minha pesquisa. Os alunos em um primeiro momento colocaram-se à disposição para darmos continuidade aos encontros que já estavam combinados, mas as dificuldades começaram a surgir. Trabalhando vinte horas em cada carreira, ficou difícil acomodar os horários disponibilizados pela escola para nossos encontros, pensamos, então, em realizá-los fora da escola, em minha casa.

Tudo certo para o primeiro encontro com o grupo, após minha saída da escola, mas, para minha decepção compareceram somente dois alunos, Ben Hur e Poliana, mesmo assim conversamos um pouco sobre a pesquisa e os próximos encontros, dando continuidade à minha investigação, com quem estava ali.

Marquei, então, o segundo encontro, para continuar meu trabalho com eles, quando fiquei sabendo que Poliana havia sofrido uma terceira Isquemia e que estava com o lado direito do corpo totalmente paralisado, o que lhe impossibilitaria de continuar participando do projeto. Desse modo, mais uma vez meus planejamentos foram por “água abaixo”, neste momento, não soube o que fazer, mas restava ainda um ex-aluno, o Ben Hur. Conversei com ele sobre a possibilidade de acompanhá-lo em suas atividades na sua ONG e, em alguns outros encontros, onde poderíamos conversar sobre o que fosse surgindo a partir de meu projeto de pesquisa.

5. ACOMPANHANDO EXPERIÊNCIAS

Ignorar a existência da pessoa cega, bem como suas competências e habilidades, é ignorar, além disso, que essas pessoas tenham uma sensibilidade, que produz subjetivação pelos afetos na coletividade. Esta atitude tem sido uma constante no modo como a sociedade atende essa pessoa que não enxerga, ou que tem baixa visão. Atitudes estas, que demonstram preconceitos, e que acabam por impedir a melhoria da qualidade de vida dos cegos, os quais, na maioria das vezes, são considerados incapazes, passando assim, a viver com poucas perspectivas junto a sua cegueira.

Cabe destacar que tais preconceitos são alimentados não só pela sociedade, mas também, pelos próprios deficientes, quando se acham incapazes de manter uma vida que os coloque na busca pelo aumento de seu grau de potência, assumindo uma situação de inferioridade diante da perda que os acometeu, ou se colocando como vítimas de um destino previamente traçado e sem chances de reversão.

O preconceito contra as pessoas cegas e/ou baixa visão é um fenômeno histórico-cultural, evidenciado por Hull (2000) e Lorimer (2000), quando perscrutam seus estudos bíblicos sobre a cegueira e descrevem-na como um castigo divino. Isso significa que esta é uma prática influenciada pelas sociedades e pelos fatores específicos de cada época, os quais podem desenvolver, no sujeito discriminado, sentimentos de angústia e revolta, influenciando os processos subjetivos.

Partindo das considerações realizadas acima e das vivências do cotidiano do ex-aluno Ben Hur, percebo-o muito arraigado ainda, em seu modo de enfrentar a vida e todos os processos de discriminação e preconceito. Com isso, relato o acompanhamento que realizei com ele, nas atividades que desenvolve na ONG Anjos e Querubins, em alguns outros momentos de encontros e conversas, para tentar entender como uma pessoa vidente que passa a ser uma pessoa com deficiência visual percebe essa mudança em sua vida e em seus afetos.

O tempo que passei com Ben Hur durante a pesquisa, foi na fase mais acelerada do processo de sua perda de visão. Acompanhei Ben Hur durante o período de quase um ano, e durante este tempo, o que mais me chamou a atenção foram os engendramentos que ele fazia preparando-se para a chegada da cegueira total. Foram muitos elementos envolvidos neste processo de preparação, segundo ele, para este novo acontecimento que estava prestes a ocorrer em sua vida.

Durante seu relato, quando rolaram algumas lágrimas e “engasgos” com a dor, muitas vezes, eu também quase chorei. A função da perda da visão sempre mexe comigo, me afeta, ao ponto de eu não conseguir controlar minhas emoções diante de uma pessoa que está neste processo de perda.

Nestes momentos retorno às leituras, em especial a que Deleuze nos traz na obra “Espinosa: filosofia prática”:

“ninguém sabe antecipadamente os afetos de que é capaz; é uma longa história de experimentação, uma demorada prudência, uma sabedoria espinosista que implica a construção de um plano de imanência ou de consistência” (DELEUZE, 2002, pág. 130).

À medida que fui conhecendo conceitos os quais eu desconhecia, fui deparando-me com certas experiências e modos de resolver os problemas que a perda da visão vai exigindo, que antes para mim era impensável, visto que eu tinha um sentimento de negação em relação a esta deficiência. Fui aos poucos problematizando as questões que interessam à pesquisa, que cercam um sujeito cego; também, fui desmistificando meus preconceitos, percebendo como uma pessoa carrega consigo uma potência, que a faz capaz de se reinventar diante das adversidades da vida.

Passei a acompanhar Ben Hur em suas atividades na ONG, pois ao vê-lo experimentar e experimentando com ele, pude estar mais próxima de sua realidade e, desta maneira, fui construindo aos poucos essa pesquisa. Firmando meus passos aprendi fazendo-me pesquisadora, utilizando uma metodologia que não se preocupa com os resultados, mas sim com os processos, é uma pesquisa

que se preocupa mais com os atravessamentos que ocorrem entre o pesquisado e o pesquisador do que com dados decisivos.

Por aí, percebi que o orgulho e a vergonha são sentimentos experimentados por Ben Hur em sua vida social, mas de difícil expressão e compreensão pelas pessoas com quem convive, pois ele não expõe claramente seus sentimentos. Ele reconhece a necessidade do uso de uma bengala, porém se nega a usá-la, confidenciando que ao fazer uso dela acredita que possa passar a ser visto como uma pessoa que está se “aproveitando”, se “valendo” da deficiência para chamar a atenção e/ou se fazer de “coitadinho”.

O retraimento e a falta de expressão, as explosões emocionais, condicionaram-no a um afastamento entre as experiências de uma pessoa e a sociedade. Como afirma Norbert Elias:

É esse conflito no indivíduo, essa “privatização” – a exclusão de certas esferas de vida do intercâmbio social e sua associação com uma angústia socialmente instilada, como os sentimentos de vergonha ou embaraço –, que desperta no indivíduo a sensação de ser, “internamente”, uma coisa totalmente separada, de existir sem relação com as outras pessoas, relacionando-se apenas “retrospectivamente” com os que estão “fora” dele. (ELIAS, 1994, p.103)

O movimento ao processo solitário de sofrimento, a depressão, sem se expor à sociedade, os sentimentos de dor têm como base o conjunto de códigos de conduta e etiqueta, incorporado pelas pessoas, o que Norbert Elias chama de “processo civilizador”. Este processo civilizatório ao qual estamos constantemente expostos mostra-se quando nos condicionamos a não expor nossos sentimentos de fragilidade diante do outro, quando nos excluimos para não corrermos o risco de sermos taxados de inoportunos ou problemáticos. Mas, se negarmos o que, no momento, impede-nos de enfrentar a nova situação, contribuimos com a negação de que existem as diferenças, que elas devem ser encaradas e discutidas, corroboramos, deste modo, com o conjunto de códigos de condutas e etiquetas estabelecidos.

Logo que Ben Hur começou a perder a visão cancelou por tempo indeterminado as atividades da ONG, pois acreditava não ter mais condições de

realizar o que desenvolvia antes da perda da visão. Chegando, então, o primeiro dia de nos encontrarmos, Poliana estava junto, ele havia me contado que iria recomeçar com as atividades da ONG, porque os colegas do Braille haviam, de alguma forma, mostrado que ele tinha condições de seguir, e ele estava disposto a tentar. Diante de minha proposta ele colocou-se, totalmente, à disposição e, assim continuamos nossa caminhada.

Marcamos um encontro, desta vez no Laranjal, praia de Pelotas, o local foi escolha de Ben Hur, sua justificativa trouxe a participação dele nesta pesquisa, como uma espécie de impulso para ele enfrentar a nova vida, a nova condição, sendo o Laranjal um lugar também motivador, que lhe fazia bem, trazia-lhe paz, tranquilidade e inspiração para responder minhas questões em função da deficiência. A escolha do local favoreceu a quebra da formalidade institucional (professora-aluno), a praia do laranjal evitou um clima de entrevista, de documentário. Não havia um questionário com perguntas previamente elaboradas, o que poderia provocar um sentimento de pressão, ou obrigação de ter que revelar fatos pessoais, que poderia causar algum constrangimento, a Ben Hur. Certamente, havia uma vontade de cartografar acompanhando algumas de suas vivências de um modo mais leve e quase descompromissado.

Preferimos fazer uma caminhada no calçadão à beira da praia, por não correr o risco de ficarmos sentados e aparecer algum conhecido, que quisesse se juntar a nós. Segundo ele, desde que sua deficiência agravou-se ele nunca mais tinha ido à praia sozinho, como fazia antes, para caminhar, olhar a água, as figueiras, o trapiche, pois por um determinado tempo acreditava estar impossibilitado de reviver estas experiências. Ben Hur declara que no início reagia muito bem ao problema apesar de ter consciência de que era uma situação difícil, pois ele sentia-se obrigado a cuidar da ONG, dos filhos, da esposa, pois todos dependiam dele. Com o passar do tempo, percebendo que a cegueira agravava-se, começou a entrar em processo depressivo. Ele diz que agora está melhor, mas ainda há dificuldades para fazer algumas coisas e isso o amargura muito, entretanto, sempre conta com o apoio da família.

Certo dia em que ele estava mergulhado na tristeza, recebeu a visita de um amigo, o Tiagão, que participava da ONG Anjos e Querubins desde criança. Este, na tentativa de alegrá-lo, entrava em sua casa sem pedir licença, acendia as

luzes e abria as janelas. Fazia isso constantemente. Um dia, questionando-o, disse que talvez Ben Hur não tivesse plena consciência da importância dele na sua e na vida de outras crianças às quais frequentavam a ONG. O amigo argumentava que não seria por causa de uma cegueira que ele deveria desistir de tudo e se entregar ao “abismo do fracasso” de onde ele já havia tirado tantos, inclusive o próprio amigo. Tiagão, que ainda perguntava se ele iria continuar na depressão, pois sempre o viu como uma pessoa forte e importante na vida de tantos. Ben Hur declarou-me que este questionamento foi revelador pois, em um primeiro momento ele havia expulsado o amigo de sua casa, mas ficou refletindo sobre tudo o que ele havia dito, e concluiu que Tiagão estava certo. Lembrou das dificuldades que havia tido em sua vida e que foram superadas, reconhecendo que o amigo foi o único que teve coragem de alertá-lo, pois os outros tinham receio de ofendê-lo por causa da cegueira.

Como problematização possível, desta passagem na vida de Ben Hur, o conceito de experiência estética, como explica Pereira, nos ajuda a pensar no sentido de uma não dominação da realidade; não se trata de “dominação” que efetua uma razão que busca entender ou definir uma realidade.

Trata-se, antes, de um jogo de mútua interferência, de composição de possibilidades que constituem sujeito e mundo. Do encontro e do arranjo entre sujeito e objeto ou acontecimento resulta algo que ainda não existia, resulta um efeito novo: um sentimento, um gosto, um estado que apenas existia, enquanto possibilidade, como porvir. Ao entrar em jogo com o objeto ou o acontecimento, eles deixam de ser exteriores ao sujeito e passam a constituir o campo da experiência. E é aí que começa a criação, a experiência estética. (PEREIRA, 2011, p.115)

Após Ben Hur perceber que o amigo tinha razão, resolveu chamá-lo e também a família e demais amigos para uma conversa, e a partir deste momento todos o ajudaram a sair do estado depressivo em que se encontrava. Desde então, ele tem lutado, constantemente, para enfrentar sua atual situação com dignidade.

Durante os encontros com Ben Hur foi possível observar algo que ele próprio afirma na relação com o fato de voltar a trabalhar, diz que o trabalho na ONG lhe enche de vida e de esperança. Fez com que saísse do seu luto e se alegrasse com a vida, pelo prazer de estar de volta à ativa, de forma diferente é claro, mas com

muita garra e vontade. Esta força que brota do ser humano, muitas vezes, tem um efeito contrário, isto quando o ambiente de trabalho não favorece ao indivíduo, e em casos como o do Ben Hur, o ambiente de trabalho, os colegas e tudo mais relacionado, tem uma importância fundamental em seu processo de subjetivação.

O trabalho tem um significado social, é no trabalho que convivemos em sociedade, como afirma Cruz: "O significado social do trabalho está associado às atividades realizadas por indivíduos e produzidas pela sociedade à qual eles pertencem" (CRUZ, 2001, p.2). Através do trabalho, o mundo se transforma, nos transformamos e transformamos nossas vidas, como nos fala Berger, "[...] trabalho significa modificar o mundo tal qual ele é encontrado" (1983, p. 13). O trabalho está presente em nossas vidas a cada momento, desde que nascemos, e então quando existem mudanças em nossas vidas também lá está o trabalho. Ben Hur faz muitas afirmações que confirmam este ponto, assim como ele afirma sentir-se livre e disposto a "mudar o mundo".

Dejours descreve o trabalho como uma fonte de paradoxos, e se dedicarmos um tempo para pensar sobre esta afirmação acabamos facilmente entendendo, que todos os indivíduos estão relacionados com o trabalho em todas as esferas, sejam elas profissional, educacional, etc.

O fato é que o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos. Incontestavelmente, ele dá origem a terríveis processos de alienação, mas pode ser também um possante instrumento a serviço da emancipação, bem como do aprendizado e da experimentação, da solidariedade e da democracia (DEJOURS, 1999, p. 141).

Cada indivíduo tem um grau de potência:

A cada relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, que agrupa uma infinidade de partes, corresponde um grau de potência. Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires (DELEUZE e Guatarri, 1997,p.36).

Nesta ONG, Ben Hur não deixou que seus encontros ficassem ao acaso, por isso, para não deixar sua potência de agir diminuir formou um grupo onde havia paixões tristes, devido às condições precárias em que vivia seu grupo de crianças e jovens, experimentando a raiva, a vergonha, a inveja, o ódio e o

ressentimento. Porém, com sua paixão alegre, cheio de amor, esperança, confiança e otimismo Ben Hur percebeu que todos tinham um grande potencial, por sua vez ele chegou com seu poder de afetar a todos, e os fez perceber que eles tinham potência de sobra para agirem a favor de um aumento de potência, e fez com que a paixão triste deles se tornasse alegre, pelo sentimento de confiança, orgulho, agradecimento, amizade e alegria por participarem de atividades tais com o teatro, dança, oficina de percussão e capoeira. Estes encontros fizeram Ben Hur produzir muitos afetos aumentaram seu grau de potência.

A chegada de sua enfermidade, fazendo sentir-se derrotado, incapaz, infeliz, diminuiu sua potência de agir. Esse sentimento, por ser muito forte e devastador, fez com que desacreditasse de si mesmo, e afastando-o de uma vontade de mudança, Ben Hur encontrava cada vez mais a tristeza. Foi então que, em algum momento, afetado pelo mundo a sua volta, ao invés de se deixar influenciar pelas paixões tristes, sentiu que deveria priorizar a sua capacidade de encontrar as ações fortes o suficiente para movimentá-lo, impedindo de alguma maneira, que forças tristes o afetassem. Ele hoje diz ser um homem mais prudente e pensa mais a cada decisão que toma. Tenta escolher melhores possibilidades de encontros, não é tão extremista no trabalho que fazia antes, preferindo atuar em situações onde possa ter encontros mais produtivos.

No encontro seguinte, saímos para passear pelo centro da cidade de Pelotas. Fomos até à Praça Coronel Pedro Osório. Enquanto caminhávamos eu fazia a descrição dos lugares por onde passávamos. Desde a nossa caminhada até chegar à praça, depois caminhando no seu entorno, apreciamos os casarões antigos, o teatro e outros prédios e detalhes que me chamavam a atenção ou que estavam na memória de Ben Hur.

Quando atravessamos a rua, ao esperar o sinal abrir, ele começou a me falar sobre como é difícil se locomover sozinho nas ruas da cidade. Isso exige atenção redobrada, obrigando-o a ter mais disciplina, como atravessar na faixa, buscar sempre uma sinaleira, além de usar outros sentidos e ter outras percepções como, por exemplo, reconhecer o ruído de um carro e identificar se está perto ou longe, momento que ele aproveita para atravessar a rua, entretanto,

enfrenta dificuldades com motos e bicicletas, pois elas entram no ponto cego de sua visão periférica.

Quando sentamos em um dos bancos da praça ele começou a me relatar que fica agoniado em não conseguir realizar tarefas corriqueiras, que estas lhe parecem difíceis se não tiver auxílio, como por exemplo, fazer a barba sem perceber os traços ou não poder ler como antes, mesmo usando óculos especiais. Mas agora, ele percebe as coisas com os sentidos do tato, do olfato e da audição, principalmente, algo que não lhe acontecia antes. Os perfumes, odores e aromas, como o do café, aparecem bem acentuados. Tudo o que ele precisa é do foco para perceber traços, saber qual o remédio correto que deve tomar e conseguir usar o telefone. Ele fala da frustração de olhar para a filha e só ver borrões.

Apesar de toda dificuldade com a cegueira, Ben Hur tenta ver o lado bom da sua situação e ter algum aprendizado com ela. Lutando diariamente contra a depressão, tendo sua família como suporte, ele diz que a ONG o entretém, ocupando sua vida com atividades produtivas.

Ben Hur diz que hoje enxerga as coisas do mundo através de outros sentidos, reconhece as pessoas pela audição, às vezes, por um perfume especial que lhe afeta o olfato. E que, também, percebe e entende mais as coisas que o cercam, por exemplo, o filho dele reclama de falta de atenção quando na adolescência, o que hoje Ben Hur entende e reconhece como uma falha, deste modo ele atribui a cegueira, a sua capacidade de compreender o outro sensivelmente. Para ele isto não deixa de ser outro modo de enxergar o mundo.

Outro exemplo de como ele lida com as coisas do cotidiano é o ato de encher uma garrafa térmica de chimarrão, usando a audição, pois conforme vai diminuindo a caída da água sabe quando a garrafa está quase cheia. Explica que, como o café é preto, usa, então, uma caneca branca para poder perceber melhor o líquido pelo contraste e, para amarrar o tênis ou fazer a barba, ou se o sabonete cair no banho é o tato que ajuda. Ben Hur deixa claro que os ensaios da ONG o fazem se sentir vivo, e isso o impulsiona a lidar com a deficiência. Ele repete que, muitas vezes a tristeza volta, então ele procura a família e os amigos para conversar e voltar a sentir-se melhor.

6. LUTO E SUPERAÇÃO

Quando se escuta a palavra “luto”, imediatamente se pensa na perda de uma pessoa, pela morte. Entretanto, pode-se observar o luto através de várias situações de perda, por exemplo, uma mudança de fase na vida, ou a perda de *status* social, ou até mesmo a perda da visão.

O sujeito cego, quando quer superar este luto, vai em busca de meios para enfrentar a nova dificuldade e produzir outra vida, um outro modo que lhe instrumentalize para lidar com a nova realidade, e que o auxilie a lidar com o sentimento de que perder a visão não significa perder a vida, e sim ter uma nova perspectiva, de encontrar modos de vida mais potentes, e que essa questão de perda tem de ser revista, ponderada, problematizada.

Para aquele que enxergou por um período de sua vida, mas perdeu a visão, uma nova fase se abre, esta vem com luto; ele terá que reaprender aquilo que a visão mediava. Conforme o relato de Sacks:

Ficar cego, especialmente em uma fase avançada da vida, traz um desafio colossal, potencialmente esmagador: encontrar um novo modo de viver, de ordenar o mundo pessoal, quando o velho mundo foi destruído. (SACKS, 2010, p 179).

As fases do processo de luto são pensadas por Sacks na busca por compreender como acontece a clausura e a reconstrução de laços sociais que restabelecem a pessoa na sociedade. Assim, o luto vem das incertezas e apreensões vividas pela pessoa, nas tensões e nos riscos que poderão surgir pelo acontecimento na sua história de vida, e em seus projetos pessoais. O luto mostra-se como um processo de transformação, que ocorre entre a negação e a aceitação de outra forma de vida, incluindo inúmeras nuances. Há casos em que se desenvolve a depressão, como em Ben Hur, em outros, um enfrentamento positivo à perda contínua da visão, como ocorrido com Poliana, pela descoberta de um mundo imenso que funciona como potência para transformações e aprendizagens. O luto passa a força que potencializa uma transformação, mesmo naquela pessoa inebriada pelas crises e conflitos experimentados durante o

processo de perda da visão, e o movimento que essa perda acarreta e que a obrigou a aprender a ver de outras formas.

Ao acompanhar Ben Hur e Poliana, assim como outros alunos, fui percebendo que minha investigação buscava novo significado ao que se entende sobre cegueira. Percebi que este significado muda conforme muda o caso, a pessoa, a história de vida de quem passa a não enxergar. Neste sentido, também, pensa nas formas de luto que se estabelecem.

Não se pode mais definir a cegueira, como no documento elaborado em 1980 pelo ICIDH⁴, apenas pela falta de visão ou por uma lesão corporal que leva a incapacidade. Não se pode mais definir cegueira apenas por uma definição universalizante como se as pessoas cegas evidenciassem os mesmos sintomas e comportamentos, ou ainda percorressem o mesmo caminho existencial, ou seja, entender a cegueira como uma identidade, um objeto estático, já não se torna mais possível.

É ingênuo considerar, segundo Bruno e Mota (2001, p.144), que a cegueira seja uma deficiência que atinge somente a visão, pois ela pode abalar seriamente a estrutura psíquica de quem venha a adquiri-la. O sujeito que, até então, tinha o sentido da visão, não se sente mais uma pessoa completa e passa a se considerar alguém que deixa de ser o que era tornando-se diferente daqueles que estão a sua volta. Aquelas atividades que se pode pensar como simples, tal como locomover-se pela própria casa ou vestir-se sozinho, por exemplo, serão realizadas como se fossem pela primeira vez, indicando, dessa forma, o surgimento de um novo sujeito, agora com limitações e necessidades especiais. Entretanto, essa nova condição que, de certa forma acarreta limitações, suscita a retomada do poder subjetivo deste sujeito. Isso me remete à Poliana quando encarou sua nova realidade enquanto potência a ser trabalhada, pois quando afetada pela cegueira, procurou dar outro significado a sua vida.

O ser humano destaca-se pela capacidade que tem de se posicionar diante das necessidades que surgem ao longo de sua vida, acreditando que sua

⁴ ICIDH: International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps/ Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Limitações (ICIDH), publicada inicialmente pela Organização Mundial da Saúde com caráter experimental em 1980

capacidade de aprender a viver pode ser fortalecida. Mesmo diante dos desequilíbrios originados por tantos fatores que afetam o cotidiano, na procura por superá-los constrói-se e continua a construir a história da humanidade.

Observo como Ben Hur vive e produz sua individualidade, arriscando-se durante o processo de luto, a fragilidade que seus relatos deixam transparecer; percebo-o como alguém que está se interagindo, buscando tornar sua situação humana mais fácil de entender, enquanto revela-se o agente dentre as experiências intersubjetivas que realiza no espaço e no tempo identificando-se como indivíduo na sociedade.

Elemento compreensivo das formas de interação intersubjetiva, o luto é um elo muito importante para que o indivíduo tenha novamente controle sobre si mesmo, estabelecendo uma nova identidade, ou seja, seu novo “eu” conforme nos afirma Anthony Giddens, (2002, p.18:19), “e tal processo é compreendido como instante da intensificação do aspecto que define as relações sociais da atualidade encontrando a si próprio, ou seja, o luto é compreendido como sendo a intervenção e a transformação ativa de si mesmo”.

O luto define-se, então, como sendo o processo onde o indivíduo se isola radicalmente dos círculos sociais onde convive e mantém trocas, sendo assim, o luto pode ser para o indivíduo na sociedade atual um “delírio de expectativas”. Diz-nos Mauro Koury:

Como consequência de sua substituição e falta de expressão no social, e pela ambivalência resultante na vergonha como individualização, a reprodução e o estranhamento público, constituem-se enquanto tendência, em um delírio de expectativa. (Koury, 1996, p.35).

A inclinação de entrar em um processo de solidão e sofrimento, sem se expor perante à sociedade, nos aspectos sentimentais de dor ou aflição, baseia-se nos códigos de conduta e de etiqueta, absorvidos pelos sujeitos. Tal processo, Norbert Elias chama de “processo civilizador”. A clausura da dor pessoal, dentro de um processo de individualização solitário, agrega uma perda do sentido do que é o mundo, e o sentimento de se excluir, ou ser excluído, do convívio social. Contudo, essa clausura foi atravessada em Ben Hur, quando seu amigo Tiagão

entrou em seu quarto sem pedir licença, e abriu as janelas, alertando-o para o fato de que Ben Hur nunca fora homem de se entregar à dor, ou construir sentimentos de vitimização diante de situações adversas na vida, ato que estimulou um despertar em Ben Hur.

Ben Hur tem de fazer uma mediação entre as pessoas carentes que vivem nas localidades onde desenvolve seus projetos sociais e as famílias, as autoridades escolares, militares e civis. A seguir, um trecho de uma gravação de uma conversa sobre um acontecimento que o entristece muito, não pela contravenção, mas pela falta de ética.

[...] Um dia coloquei um guri, que morava debaixo de marquises, pra viver na ONG e participar do projeto, mas um dia ele roubou da minha casa aparelhos eletrônicos, a bicicleta do meu filho, e os chocolates que íamos distribuir para crianças carentes da ONG. Eu entendi o lado dele ao roubar, mas o que me deixou mais triste não foi o fato de ter roubado a bicicleta novinha do meu filho, mas sim ele ter roubado os chocolates que eram para crianças. [...]

Ben Hur consegue entrar em contato com outros modos de existência, sem perder seu foco de trabalho. A falta de visão em nada atrapalha neste sentido, pois seu estilo de vida, sua conduta ética não estão pautados pela capacidade de ver. Esta vivência de Ben Hur, quanto a estar ciente da diferença entre a moral e a ética podem ser pensadas a partir de Deleuze em sua obra *Conversações*:

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência que isso implica? Há coisas que só se pode fazer ou dizer levado por uma baixeza de alma, uma vida rancorosa ou por vingança contra a vida. Às vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro. (Deleuze, 1992, p. 129).

Quando Deleuze fala sobre “baixeza de alma”, entende-se que, às vezes, somos levados a mudar para um modo de existência mais agressivo, como no caso de Ben Hur que, já conhecendo e tendo vivenciado tanto imoralidades como

falta de ética, sabe como se posicionar de maneira mais firme frente a determinadas situações. Ele viveu na periferia sua infância e juventude, em meio a todos os tipos de modos de vida, encontrando desde “pessoas de bem” até à marginalidade.

Quando vemos Ben Hur reconstruindo o quebra-cabeça de emoções e sentimentos durante sua vida, vem junto a exposição de uma necessidade aguda de uma temporalidade diferente, uma época de incertezas e troca de papéis, a partir de seu drama social. Ilustrando, assim, a circunstância em que narra sua experiência, revelando sentidos em sua passagem. O restabelecimento presente das suas etapas de experiência durante o processo mostra a formação temporal do luto:

“quando descobri que estava ficando cego do olho que restava, e que não tinha cura, me isolei dentro de casa, abandonei a ONG, não queria ver ninguém, sentia como se isso fosse a morte; fiquei em depressão total. A tentativa era de me afastar de todos, quase como se fosse a vontade me sentir morto e enterrado, isolado do mundo dos vivos, eu simplesmente não conseguia lidar com o que estava acontecendo comigo. Ainda tenho meus momentos de “deprê”, mas melhorei muito, percebi com ajuda dos amigos e da família, que o problema estava dentro de mim e não do lado de fora, que eu tinha que lutar internamente contra meus próprios sentimentos e me aceitar da forma que estou hoje, e tentar me adaptar ao mundo. Enfim é um processo íntimo e interno, dentro de mim mesmo, mas foi preciso uma mãozinha dos amigos para que eu parasse e pensasse, para perceber isto tudo.”(Ben Hur)

Quando ele diz que tem vontade de se isolar das suas relações sociais, Ben Hur mostra que a individualização foi seu primeiro instante de ruptura, cortando bruscamente seus projetos de vida. Neste momento, reflete intensamente, uma busca de como aprender a lidar com tudo isto. Momento de afastamento do convívio social, internalizando o sofrimento, demonstrando a solidão como a maneira de expressar a necessidade de reclusão, como se sentisse que era imprescindível para manter-se seguro, como se carecesse de esconder sua intimidade da sociedade. Dessa forma, Ben Hur fala sobre o sofrimento, passando a sensação de incapacidade de compartilhar sua dor com os outros. Ao ouvi-lo, sente-se uma dor, um sentimento único que ele vive de forma singular, como alguém inadequado para a sociedade, nutrindo uma

insegurança em relação ao ambiente social, uma mistura de frustração dentro do que estava sentindo, em relação aos projetos sociais e pessoais, pois se achava incapaz de realizar as atividades que desempenhava antes, tornando-se introspectivo, internalizando a dor. Era como se ele próprio se castigasse, e voluntariamente proibisse a si mesmo de demonstrar aos outros seus sofrimentos, por não conseguir aceitar o que estava acontecendo.

Deleuze em seu estudo sobre Espinosa, onde este afirma que medo é uma paixão triste, diz o seguinte:

O próprio da paixão, em qualquer caso, consiste em preencher a nossa capacidade de sermos afetados, separando-nos ao mesmo tempo de nossa capacidade de agir, mantendo-nos separados desta potência (Deleuze, 2002, p. 33).

Por consequência, esse medo tende a fazer com que o sujeito, evitando algum enfrentamento, diminua a sua potência de agir. Então, quanto mais nos mantemos na tristeza, mais nossa potência é diminuída, uma vez que o medo tende a inibir encontros que nos levem à alegria.

Parece que o medo para Ben Hur tinha um significado de finitude, pois passou a desconfiar das pessoas, e ainda havia a tensão e o conflito com os outros comportamentos anteriores, tais como coragem, positividade; não tinha medo do futuro como tem agora e que se tornou freqüente no que tange às questões de interação social; verifica-se esse fato em sua narrativa em que ele mostra o estranhamento consigo mesmo, suas incertezas, quanto a sua nova condição social, que, por vezes, leva-o ao limite do seu luto, alimentando um temor em relação a este seu novo papel no mundo.

Inicialmente não queria crer que estava acontecendo isso comigo, sentia muito medo de como ia ser o futuro, e ao me isolar das pessoas, comecei a imaginar coisas; acho que quase assumi minha loucura. Achava que ninguém gostava de mim. Se alguém chegasse perto seria por interesse, então era rude e desconfiado. E pra completar eu tinha vergonha, me sentia constrangido de assumir que precisava de ajuda, que precisava de bengala. (Ben Hur)

Ben Hur fala de vários medos além dos já mencionados, inclusive um destes medos fez com que desistisse do projeto no bairro Getúlio Vargas. Como

se envolve com jovens que, muitas vezes, têm contato com o mundo das drogas, sempre dá conselhos tentando orientá-los da melhor maneira possível. O meio chegou por não poder mais ver o que se passava na rua quando saísse da ONG, pois quando enxergava, sempre estava alerta e pronto para se defender se algo acontecesse. Mas e agora? E se alguém se irritasse com o trabalho dele a respeito de algum menor, e quisesse lhe dar um tiro? Ele afirma que provavelmente estaria morto. Por isso parou com o projeto.

Na declaração acima feita por Ben Hur é mostrado como ele enfrenta essa nova experiência que vai permitir com que ele viva, habite, caminhe, sorria, chore, cante podendo ter uma experiência que Marcos Vilela Pereira chama de estética:

Uma experiência estética, nesses termos, assemelha-se ao estado de espírito daquele que se apaixona: no encontro com seu amado, inaugura-se um tipo de relação que não é de dominação, mas de composição, de arranjo, que desloca boa parte das referências que até então o constituíam e o projeta numa espécie de abismo. (PEREIRA, 2014 p.188).

Neste sentido, trago uma situação vivida por Ben Hur, na qual sua expectativa de encontrar a solidariedade que desejava não se concretiza. Mesmo compreendendo que seus familiares e amigos estão lhe apoiando, ele sofre por não conseguir se posicionar frente ao reencontro com velhos amigos e conhecidos; tem a necessidade, então, de se esconder, dessa forma Ben Hur evidencia que neste momento ele torna-se inconveniente ao mundo externo, e que ele concluirá sua vida individualmente, e de um modo solitário.

Após o resultado das consultas médicas atestando minha perda de visão, e depois de sair da “deprê”, com ajuda de amigos, comecei a frequentar a escola Louis Braille, onde realizava consultas oftalmológicas e trabalhava com música, com outros deficientes visuais. O que, primeiro, me ajudou, mas em seguida houve desacertos com a instituição e acabei abandonando o projeto. Mesmo frequentando a escola Louis Braille, eu não me assumia como cego, e não quis utilizar a bengala. Eu na verdade não me aceitava como cego. (Ben Hur)

Conforme sua narração, pode-se perceber um estranhamento, um conflito com a imagem de si mesmo, evidenciando isto em sua relação com a sociedade, e novamente quando frequenta a escola Louis Braille, passa a trabalhar com outros cegos, através da musicalidade, porém essa tentativa de parceria com seus iguais não deu certo, por sua metodologia de trabalho ser diferente à exigida pela escola, então, decide que vai voltar à vida antiga, porém tentando esconder sua condição de cegueira.

Ben Hur explica como está trabalhando seu processo de perda de visão, sabendo que vai perdê-la a qualquer momento devido a sua doença, distrofia macular de retina. (Universidade de Coimbra)⁵

Ele se exercita, mentalmente, para poder ler o mundo com os outros sentidos. Deste modo, ele usa técnicas de teatro para ir trabalhando a memorização e o equilíbrio, dentre outras capacidades. Fala que quando consegue ficar sozinho, em um ambiente onde pode meditar, concentra-e e começa a montar, em sua mente, as imagens de tudo que consegue lembrar. Pensa em um objeto e força a memória para ver a imagem daquele objeto. Lembra-se dos rostos das pessoas e repete este exercício várias vezes. Diz que tem medo de esquecer-se das imagens depois de algum tempo, então, exercita sua mente para que isto não aconteça, diz também que não quer esquecer o rosto de sua esposa e de suas filhas, então aproveita a noite quando já estão dormindo, para ficar olhando o rosto de sua esposa bem de perto, movimentando os olhos de maneira que possa rever o rosto dela, memorizando ao máximo a imagem. Também, levanta no meio da noite para olhar suas filhas dormindo, chega perto e memoriza seus rostos, e faz o mesmo agora com sua netinha recém-nascida. Pensa que só vai lembrar-se da imagem de sua neta quando bebê, pois teme perder a visão que lhe resta rapidamente. Outra técnica que ele diz usar é a memorização de cheiros e, mesmo conseguindo identificar as pessoas quando estão bem perto, faz questão de abraçar a todos que ele

⁵As distrofias maculares englobam um grupo de degenerescências progressivas da retina e/ou coróideia afetando a área macular. Representam manifestações fenotípicas de doenças metabólicas ou mutações de genes com expressão na retina posterior. São caracterizadas predominantemente por alterações no pólo posterior, de etiologia genética, e são muitas vezes bilaterais e simétricas. A doença geralmente inicia-se numa idade precoce, tem uma progressão lenta, e provoca uma diminuição da acuidade visual central e um escotoma central. Até ao momento, não existe tratamento para prevenir a progressão da doença. A distrofia macular de Sorsby é herdada de forma autossômica dominante, manifesta-se entre a 4ª e 5ª década de vida, e é caracterizada por uma rápida e progressiva perda da acuidade visual central e disfunção visual. <http://www.atlasrleye.com/index.php/pt/atlaspt/disease/78-macular-dystrophies?chapterid=13> acessado em 10 de dezembro de 2015

cumprimenta, para chegar perto do rosto e cheirar a pessoa, pois ele percebe que mesmo que uma pessoa possa ser identificada por um perfume, se ela trocar de perfume, pode ser reconhecida pelo seu cheiro natural, por esta razão tenta memorizar o cheiro das pessoas.

No caso de Ben Hur, diferente de outros cegos ou pessoas com baixa visão, que precisam de apoio de outras pessoas para aprender esse tipo de técnica, ele tem a vantagem de já ter experiência com a arte, o teatro e a música, técnicas, às quais ele domina, e que sempre utilizou para preparar os músicos e atores da ONG. Estas estão sendo-lhe úteis neste momento. Essa experiência vem de longa data, pois, quando criança ainda, aluno na escola, era responsável pelas produções artísticas. Ele dirigia e produzia com o que já havia aprendido.

Aos dezessete anos de idade, participou de um curso de teatro amador em um projeto social no ano de 1986, que acontecia na Cohab Guabiroba localizada no bairro Fragata. Relata que, para sua surpresa, era uma turma de crianças sendo ele o único adulto. Pensou que deveria dar exemplo, portanto, decidiu ficar sem fumar ou consumir bebida alcoólica na frente delas, o que para ele foi um pouco “sacrificante”. Conta que fazia as aulas de teatro escondido do pai, que tinha preconceitos sobre a profissão e ele não queria passar para seu pai uma imagem negativa. Como ele morava no bairro Navegantes, e precisava utilizar dois ônibus para chegar ao local do curso, era sua mãe quem lhe dava dinheiro escondido de seu pai, para as passagens de ida, e uma carteira de cigarros. Outra coisa que escondia de seu pai, era ser fumante.

Com o dinheiro, ele comprava quatro cigarros avulsos e cem gramas de bolachinhas Maria. Fazia sobrar uma passagem caminhando até o centro para utilizar somente um ônibus, caso o curso de teatro não conseguisse lhe dar o dinheiro para voltar para casa, pois lá ele não ganhava nenhum tipo de bolsa, apenas recebia as passagens, mas nem sempre havia recurso para isso. No intervalo do curso ele lanchava e também podia fumar o que, por consideração as crianças, acabou não fazendo. No curso de teatro, aprendeu muitas coisas, complementando muito do que já havia aprendido com sua experiência quando criança, na escola de ensino fundamental, ao fazer parte do grupo de teatro, onde conta que aprendeu várias técnicas, tanto de concentração como de atuação e

produção de roteiros. Todo este aprendizado, hoje, ele utiliza como ferramenta para compensar a perda da visão.

No ano de 2001, Ben Hur começou um projeto social com crianças no seu bairro, fato que o instrumentalizou para a fundação da ONG. Este projeto teve início com quatro crianças, no espaço cedido pelo sindicato dos vigilantes do qual ele era sindicalizado. A principal atividade era uma oficina de teatro. Depois de dois anos fundou a ONG, onde ensinou muitas crianças e jovens, transformando-os em atores e músicos. Começou com seus filhos, depois com crianças dos bairros, acabou até adotando uma menina do projeto, à qual lhe deu muito orgulho; seu filho mais velho era vocalista nas apresentações e nos eventos em que participaram, ganharam vários prêmios como atores e como músicos.

Ben Hur chegou a ingressar na Universidade Federal de Pelotas no Curso de Teatro, mas devido a dificuldades financeiras, precisou abandonar quando cursava o terceiro semestre do curso. Ele relata que só hoje ele consegue perceber alguns detalhes que lhe passaram despercebidos, como por exemplo, ao assistir vídeos com as apresentações de seus grupos, percebeu nitidamente que seu filho, ao cantar, direcionava-se sempre para ele, no intuito de cantar para o pai e não para a plateia. Ele percebeu que seu filho queria um pouquinho mais de atenção paterna. São coisas que, segundo Ben Hur, passou a perceber agora, pois tem prestado mais atenção aos detalhes que rodeiam sua vida.

Diante dos fatos citados acima, entendo que a arte tem um papel importantíssimo nos casos de aquisição de deficiência visual. Pode-se ver isto no caso de Ben Hur, que já trabalha com a arte desde a infância e agora, na fase adulta, através da ONG, usa seu próprio trabalho como recurso de recuperação de si mesmo.

A arte é o campo privilegiado de enfrentamento do trágico. Um modo artista de subjetivação se reconhece por sua especial intimidade com o enredamento da vida e da morte. O artista consegue dar ouvidos às diferenças intensivas que vibram em seu corpo-bicho e, deixando-se tomar pela agonia de seu esperneio, entrega-se ao festim do sacrifício. Então, como uma gigantesca couve-flor, abre-se seu corpo-ovo; dele nascerá sua obra, e junto com ela um outro eu, até então larvar. (ROLNIK, 1997, p.341)

Cabe lembrar que a presença da arte em sua vida, já vem desde sua infância. Pode-se dizer que ele já foi “salvo” por ela, pois sendo uma criança problemática, que brigava com colegas, fugia da sala de aula, dentre outros comportamentos considerados problemáticos que se pode viver como aluno.

Mas houve um dia em que uma professora resolveu apostar nele e lhe estendeu a mão, mostrando-lhe o mundo da arte, colocando em sua frente a magia do teatro e o encantamento da música. Nas palavras dele: “Era brigão, fugia da escola, e uma professora me estendeu a mão através do teatro na escola mudou minha trajetória...”.

A entrada para o grupo de teatro deu início a uma transformação, começou a ser um bom aluno, outros professores apareceram fazendo-o olhar o mundo com esperança, possibilitando-o sonhar. Naquele momento, apenas uma questão de escolha, como ele mesmo diz: “Talvez se isso não tivesse acontecido, eu poderia ser um bandido, ou poderia estar morto hoje”. Ben Hur conseguiu ver através da arte, que havia outros mundos, e esta constatação fez com que ele quisesse entrar para o grupo de teatro da escola e se deixar influenciar por outros professores. Passou, então, a ser responsável pelas peças teatrais da escola onde estudava ainda criança, dando início a outro modo de viver e compor sua vida.

A fundação da ONG deu a ele oportunidade de retribuir a muitas crianças, jovens e adolescentes, o que recebeu na infância. Imbuído deste desejo, pode-se chegar ao exagero de dizer que ele resgatou muitas vidas através da arte, usando a ONG para ajudar as crianças com aulas de reforço e lições de vida. Depois de ter sido ajudado pela arte na infância, e ter atendido outras crianças, hoje Ben Hur devido à cegueira tem novamente a atenção dos adultos, as mesmas pessoas que quando crianças ele ajudou. Elas vieram até ele e resgataram-no, novamente, mostrando que ainda não era o momento de desistir, que ainda podia seguir adiante, que a cegueira não iria interromper seu trabalho social, e que sua vida seria ainda muito produtiva.

Ben Hur relata com orgulho os prêmios que até então foram conquistados pela “molecada”, como ele chama os componentes da ONG. Foram dezesseis

prêmios em Festivais de Teatro, cinco Prêmios em Festivais de Música, sendo um deles estadual e outro nacional. E foi nesta segunda fase da ONG, como ele chama, referindo-se ao recomeço depois da chegada da deficiência visual, e faz questão de salientar isso, *que conquistaram um prêmio municipal apesar da deficiência*, como reafirmando para si, que é capaz, que a cegueira traz sim algumas limitações, mas que não a impossibilitasse de continuar a vida, reinventando-se sim, como fez outras tantas vezes em diversos momentos independente da cegueira. Estes acontecimentos em sua vida evidenciam a importância da arte, pois ela esteve presente em todos os momentos, por vezes, a arte vem em sua busca, em outros ele a utiliza para produzir afetos.

Faço uma analogia entre a arte e a ONG; a ONG usa a arte para alcançar seus objetivos, o resultado do trabalho empenhado é como uma “obra de arte”, uma obra que não é uma pintura, uma nova produção teatral, ou uma nova música, mas sim uma obra produzida a partir das subjetividades envolvidas na ONG, formando tantas outras subjetividades. Destas novas subjetividades resulta a obra prima de Ben Hur. E mesmo ele tendo fechado a ONG, estas subjetividades não precisam da ONG para continuar existindo, elas se ergueram e utilizaram o que aprenderam, os exemplos de vida, e fizeram com que Ben Hur saísse daquele momento de depressão e voltasse a reabrir a ONG.

Assim, pensando na importância da arte, sabe-se que um dos grandes trabalhos artísticos utilizado em sua ONG é a música, considerada cada vez mais como sendo terapêutica e alfabetizadora, instrumento de integração para crianças carentes e outras formas de uso surgem, assim como afirma Bueno (2000), “uma forma de expressão encontrada em todos os grupos humanos, é um produto natural do homem e vem sendo utilizada por ele das mais diversas formas”.

Desde os tempos mais remotos, a música sempre fez parte da vida do ser humano, em muitas civilizações, assim como em muitas culturas pelo mundo, trabalha com os mais profundos sentimentos das pessoas, sejam estes de alegria ou tristeza. No decorrer da história, a música destacou-se devido ao “importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no moral e no social, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício de cidadania”. (Loureiro, 2001, p.36).

Quando comecei a acompanhar o Ben Hur via um homem formado por vários sujeitos, os quais identificavam passagens que vieram moldando-lhe ao longo do tempo. Percebi que a ele lhe interessava interagir com minhas forças, com meu mundo, com meu jeito de pensar, também, com os ambientes onde estávamos, fato que continuava a ampliar e modificar seus vários “sujeitos”. Em relação à cegueira, ele sofria uma força externa que vinha da sociedade, da família e dos amigos. Simultaneamente a isto percebi que essas forças todas, também, interagiam com as minhas próprias forças transformando a mim também, e neste momento concebia-se novas vozes em mim, outros “eu” compunham-se.

Ao tecer reflexões sobre as experiências de Ben Hur e todos os atravessamentos que elas suscitaram em sua vida, houve uma atração ainda maior pelos relatos de vida que foram compartilhados por Poliana, os quais contribuíram sobremaneira com esta pesquisa, e que emergem a todo o momento em que mergulho na realidade de Ben Hur. Os relatos de POLIANA e o convívio com ela permanecem nesta pesquisa, apesar de não terem ido além, devido ao fato dela ter sofrido uma Isquemia. Mas eles continuam porque foram momentos importantes que problematizaram uma ideia do filósofo de Espinosa quando ele diz que não sabemos o que pode o corpo. De fato, a trajetória desta mulher que ficou cega na idade adulta por causa da Diabetes, remete o que é dito pelo filósofo.

Vamos contar um pouco sobre POLIANA, ressaltando que este nome é fictício. Ela, aos quinze anos de idade ganhou de uma vizinha que gostava muito dela o livro *Poliana* de *Eleanor H. Porter*, já que era órfã de pai e mãe. Desde então, veio construindo uma identificação com a personagem que dá nome ao livro. Como a experiência perceptiva de nossa participante da pesquisa com a literatura foi impactante, veio à ideia de tomar emprestado o nome *Poliana*, personagem da ficção de Porter para, então, denominá-la nesta dissertação:

A experiência perceptiva é, ela própria, uma experiência criadora, e completa o trabalho de criação. Nesse sentido, as práticas artísticas, como as experiências estéticas, acionam processos de cognição inventiva e de produção de subjetividades, engendrando domínios cognitivos e novos territórios existenciais. (KASTRUP, p. 186-199).

E um dos fatos que Poliana enfrentou na vida e que a fez decidir encarar tudo como a *Poliana* do livro, foi uma violência sexual que ela sofreu ainda na adolescência. Além destes acontecimentos marcantes, mortes dos pais e violência, ela sofreu com a dificuldade de não poder ter condições de se alimentar e ainda muitos outros desafios já que, de certa forma, estava sozinha no mundo. Mas essa mulher desde menina encarou as dificuldades mostrando para ela mesma sua força e capacidade de viver tudo que se apresentava na vida em forma de provocação para vir a ser outra mulher.

Fico surpreendida com as conversas com Poliana, pelo fato de parecerem meras circunstâncias, problemas menores, todas as situações que ela passou e que são contadas como passagens corriqueiras, simples acontecimentos.

Diante disso... resignação? Aceitação? Parece que o livro Poliana, a personagem Poliana, foi assimilado em sua completude existencial, como diz Poliana “na vida tudo tem um lado bom”, “ficou feliz mesmo na tristeza”. Dom? Defeito?

A cegueira de Poliana chegou com o Diabetes, como dito antes, levando a um diagnóstico de Glaucoma, então foi encaminhada pela equipe médica ao Centro de Reabilitação Visual Louis Braille, para receber as orientações necessárias à sua nova condição de vida, pois teria que saber lidar com a realidade de ser uma pessoa cega.

O que se segue com este relato em relação ao comportamento da família de Poliana, não é diferente das demais. Esta sentiu uma necessidade de protegê-la, passando a vê-la como uma pessoa incapaz de locomover-se sozinha ou de realizar suas tarefas habituais, por mais que ela expressasse que podia seguir com suas atividades rotineiras. As negativas de seus familiares tornaram-se constantes em sua vida. Poliana, uma pessoa de alto astral, aproveitando-se desta maneira protetora dispensada pelos seus familiares, resolveu que aceitaria as novas condições, ou seja, que estaria sempre acompanhada e que outra pessoa se responsabilizaria pelos afazeres domésticos, porém, na condição de que ela pudesse frequentar as atividades proporcionadas pela Escola Louis Braille, como teatro e grupo de percussão. Antes da cegueira ela não tinha este

tipo de experiência, foi como se a deficiência desse a ela uma liberdade à qual não podia usufruir anteriormente, era como se tivesse seus “olhos fechados” para sua vontade; não externava suas vontades e desejos.

Quando Poliana convenceu sua família de que precisava frequentar as atividades ofertadas a ela na escola, de certa forma se valendo de sua condição de cega, tal como a própria argumentou, declara que nem nos melhores sonhos de sua juventude a fizeram desabrochar tanto, *feito uma cálida em um casulo*.

Entende-se por subjetivação os processos pelos quais passamos, mas como algo que se dá sempre no coletivo, sendo a subjetividade uma construção erguida por essas passagens, esses processos, e isso sempre está em relação a um regime de forças, não depende exclusivamente de um sujeito, embora ele seja um dos *corpos* que se envolvem com outros corpos, encontros que favorecem um modo de *estar no mundo*, de viver.

Pensando o que pode um *corpo*, em relação à Espinosa:

Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe-lhe instituir o corpo como modelo: “não sabemos o que pode o corpo...”. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e dos seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo, e as paixões, mas nós nem se quer sabemos do que é capaz um corpo. Porque não sabemos, tagarelamos (DELEUZE, 2002, p.23).

No comportamento de Poliana frente a sua condição de cega, que supostamente era um corpo com poucos poderes, essa surpresa de testemunhar até onde pode o corpo, segue o pensamento de Deleuze:

O corpo é um modo da extensão; o espírito, um modo do pensamento. Como o indivíduo tem uma essência, o seu espírito é primeiramente constituído pelo que é primordial nos modos do pensamento, a saber, por uma idéia. O espírito é a idéia do corpo correspondente. Não que a idéia se defina pelo seu poder representativo; mas a idéia que nós somos é para o pensamento e para as outras idéias o que o corpo que nós somos é para a extensão e para os outros corpos (DELEUZE, 2002, p.73).

Pensando em Poliana e Ben Hur frente à nova realidade, vejo neles, a forma que compõe o mundo é a matéria e, dentro desta, encontra-se as subjetividades que movimentam duas forças a de criação e a de resistência. Ambas dependem de mecanismo e pontos de ativação, um paradoxo irresolúvel, potência de subjetividade pelas dimensões do sensível. Há um corpo que sente, um corpo em ondas nervosas que percorrem os afetos, é o *corpo vibrátil* como informa Suely Rolnik⁶:

Conhecer o mundo como forma convoca a percepção, operada pela sensibilidade em seu exercício empírico; já conhecer o mundo como força convoca a sensação, operada pela sensibilidade em seu exercício intensivo e engendrada no encontro entre o corpo, como campo de forças, decorrentes das ondas nervosas que o percorrem, e as forças do mundo que o afetam (ROLNIK, 2003,p.2).

A ideia de corpo nesta dissertação perscrutada dentro do território da educação, da educação especial, do tema da cegueira com outras deficiências associadas, buscando outros modos de enxergar e sentir, trata de um corpo que interage entre o corpo físico e as forças que o afetam, inserido em um processo contínuo de aprendizagem. Para tanto, parto do conceito de *corpo-iterator* (COELHO, 2009, p.14.) o qual “roubo” para, a partir dele, fundamentar minha investigação. Sinto-me reconfortada quando leio Gilles Deleuze⁷, para quem a criação de conceito é, também, um ato de roubar conceito de outros; segundo ele, o roubo é criativo quando transformamos aquilo que nos apropriamos. Segundo Coelho, partindo de Rolnik e o *corpo vibrátil*,

Deve-se considerar duas movimentações se sucedendo: uma motora, visível no seu deslocamento físico, na sua presença, e uma outra, perceptiva e afectiva. Ambas envolvem um conceito de corpo como duas visões diferentes entre si, mas não excludentes, pelo contrário, como

⁶Conferência proferida nos simpósios: Corpo, Arte e Clínica (UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 11/04/03); A vida nos tempos de cólera (ONG Atua, Rede de Acompanhamento Terapêutico. Itaú Cultural, São Paulo, 17/05/03) e A clínica em questão: conversações sobre clínica, política e criação (DA de Psicologia UFF e Universidade Nômade, Niterói, 05/12/03). Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf> Acesso: 09.07.14.

⁷GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. 2.ed. Autentica. Belo Horizonte. 2008, p. 10.

faces de uma mesma idéia. Entende-se que a experiência da interatividade, abordada nesta investigação, movimentam um corpo-interator a partir de uma concepção voltada para efeitos de vibração, pois, longe das dicotomias corpo físico x espírito/ emoção x razão/ corpo físico x mente/, o corpo vibra inteiro na sua forma e força empenhado em contrair sensações (COELHO, 2009, p.14).

O corpo físico/motor e perceptivo/afetivos e compõe não em contraponto um do outro, mas em engendramentos que permitem processar uma criação, mostrando de que forma as subjetividades e forças movimentam este corpo, potencializando atos de experimentações.

Pensemos que o conceito de desejo nas experiências de Ben Hur, bem como nas minhas, considerando que também me envolvo com a pesquisa, não surge como algo isolado, abstrato. Ao contrário, é uma composição de agenciamentos, um conjunto de outras coisas que vêm inundado de subjetividades em construção. Quando desejamos já estamos no território dele, do desejo; já estamos desejando antes mesmo de desejar, e cercados de elementos. Quando se deseja algo não se deseja apenas o objeto “seco”, e sim o objeto fluido com muitas outras nuances de cores e molduras que compõem um território. É isso que Deleuze chama de *desejo*⁸.

Agenciando-se com Nietzsche e Espinosa, Deleuze contrapõe-se à concepção de desejo da filosofia idealista e ao pensamento ocidental binário, escapando do senso comum, possibilita linhas de criação que permitem pensar no desejo como *produção*. O desejo não pode ser castrado, pois se trata de algo revolucionário “constrói máquinas que, inserindo-se no campo social, são capazes de fazer saltar algo, de deslocar o tecido social” (Deleuze e Guattari, 1976 p.20). Justamente, assim, poderemos ser máquinas desejantes, ao criarmos fluxos, cortes, novos processos, mergulhando no caos entre organização e desorganização. O desejo se contrapondo ao pensamento cristão/ocidental quando queremos o inalcançável, o ideal, o perfeito. O desejo sem formatação completa está sempre aberto às possibilidades de fluidez e liquidez, “faz passar estranhos fluxos que não se deixam armazenar numa ordem estabelecida” (Deleuze, 1997, p 34), algo que não pode ser definido apenas pelo objeto estático,

⁸Desejo(Claire Parnet). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7tG4fceymmY>>. Acesso em 16 de 05. 2014.

mas que flutua em névoas às quais vão se engendrando, formando rizoma em um território em constante construção. Desejo não é promessa de satisfação estática. São caminhos percorridos e movimentos de experimentações inacabadas, que se nutrem pela indefinição do *desejar*.

Para Deleuze a concepção de desejo, vai muito além do sentido de falta, que a psicanálise atribui, pois, ao afirmar que o desejo se origina de algo que aconteceu no passado, e volta como doença, sendo preciso que a psicanálise trate para que haja a cura, estaria sendo afirmado que todos os desejantes de algo estariam doentes e, então, poderíamos dizer que seriam muitas pessoas. Deleuze quis reconstruir o conceito de desejo, pois ele é produtivo e constrói o mundo, através do desejo, erguemos cidades e monumentos, e construímos um novo mundo, é o caso de Ben Hur, a ONG Anjos e Querubins.

Deleuze, com seu novo conceito de *desejo*, afirma que o desejo, não é apenas querer algo que não se pode alcançar, é muito mais do que isso, é querer algo e produzir, autoafirmar-se e acreditar em si mesmo, a ponto de conseguir alcançar seus desejos e, assim, em uma sucessão de desejos produtivos, inicia uma construção em todos os sentidos, emocionais, financeiros, sociais, educacionais, entre outros. Assim, pode-se entender o desejo como algo que constrói, e que produz.

Para Deleuze o eu *lacaniano*, não é autoprodutivo e que o sujeito em Hegel tendo uma falsa autonomia, não passa de um disfarce para escravidão moral, em que nada se pode, nem mesmo desejar pode, pois é imoral. Este ponto de vista já foi mencionado de forma artística como na música do grupo musical Titãs:

“[...]”

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

[...]” (Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto / 1987).

Também, encontramos a mesma manifestação na música escrita por Erasmo Carlos:

[...]

Há muito me perdi entre mil filosofias

Virei homem calado e até desconfiado

Procuro andar direito e ter os pés no chão

Mas certas coisas sempre me chamam atenção

Cá com meus botões...

Bolas, eu não sou de ferro

Paro pra pensar, mas eu não posso mudar

Que culpa tenho eu me diga amigo meu

Será que tudo que eu gosto

É imoral, é ilegal ou engorda

[...] (Roberto Carlos/Erasmo Carlos, 1976).

Na época em que foram compostas estas músicas, estávamos sobre o regime ditatorial no Brasil. Havia um desejo reprimido, pelo poder político e as pessoas encontravam liberdade através da arte para criticar e expor seus desejos. Na época se desejava mais liberdade, mais condições de vida devido à crise financeira, e através da arte buscava-se atingir algum desejo, e este desejo era produtivo, pois pretendia algo de melhor para a sociedade brasileira, assim como Ben Hur tem muitos desejos produtivos e busca através da arte satisfazê-los, e quando o faz, satisfaz não só a si mesmo, mas também a sociedade à qual pertence. Deleuze afirma com relação ao desejo:

A existência de uma repressão social que atinge a produção desejante não afecta absolutamente nada o nosso princípio: o desejo produz real, ou a produção desejante mais não é do que a produção social. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 48).

Deleuze ainda nos diz, que somos máquinas desejantes, que não somos um ser com um desejo, somos constituídos de vários desejos. Não somos uma, mas inúmeras máquinas desejantes ao mesmo tempo, visto que desejamos entre outras coisas, comer, beber, passear, divertir-se, amar, descansar etc.:

[...] O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos [...] (Deleuze; Guattari, 1976 p.7).

No território da educação especial, percebe-se o desejo fluindo, circulando pelos ambientes. Buscando adentrar no mundo da criação, da potência e das forças que produzem desejos. Interesse-me não pela petrificação social, o que me move são os percursos que provocam cortes e outros desejos.

A partir deste contexto, adentro a pesquisa atenta ao comportamento dos alunos com deficiência visual e outras deficiências associadas, também, ao percurso que tive de fazer até chegara os estranhamentos provocados. Não se busca um resultado concreto, isto de alguma forma flui no estado de qualquer trabalho/pesquisa, mas marcar um percurso, processo que levanta perguntas e questionamentos, na potencialização e agenciamento do desejo. Vale lembrar, segundo Pelbart, que “jamais sabemos de antemão qual é a nossa potência, de que afetos somos capazes. É sempre uma questão de “experimentação”⁹, um *corpo-composto* experimenta subjetividades, um corpo que pesquisa, também, pode experimentar seus percursos investigativos, abrir suas questões, possibilitar muitas “respostas”.

⁹PELBART, Peter Pál. Poderíamos partir de Espinosa. Disponível em: <<http://artescenicass.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182>> . Acesso em 12. 06. 2014.

A potência criadora, a produção de bens imateriais, aquilo que é intangível dá-se no plano das subjetividades, e não é algo abstrato, são forças permanentes que potencializam as formas que afetam a todos, incidindo no corpo-composto, os fluxos, os estratos que poderão ser processados dentro do plano da experimentação em qualquer território poderão acontecer agenciamentos advindos dos desejos engendrados em um eterno devir.

O corpo se dimensiona em todas as formas do sensível, produzindo, assim, propostas e possibilidades em uma lupa de aumento, em uma grade angular de uma fotografia. Não algo comum, dos olhos adestrados, mas uma lupa do sensível, do invisível, afetos que potencializam as formas de criação, efeitos os quais segundo Suely Rolnik¹⁰ tratam do:

“[...] acesso ao corpo vibrátil que orienta seu exercício de modo a dar consistência existencial ao processo de emancipação que se faz necessário, se entendermos a arte como o exercício de rastreamento das mutações que se operam nas sensações, as quais indicam o que está pedindo um novo sentido, novos recortes e novas regras, orientando assim o ato de sua criação.”(ROLNIK, 2003,p. 4).

Pensa-se a experimentação através do corpo vibrátil, um modo de viver e libertar-se que possibilite outras formas, caminhos, cruzamentos que vão se produzindo discretamente, despercebidamente em potências que possibilitem novas formas de criação que envolve as novas dimensões que o corpo poderá ocupar.

¹⁰Id.p.4

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a trajetória desta pesquisa percebo ao acompanhar os sujeitos envolvidos, Ben Hur, Poliana e os outros alunos da Escola Louis Braille, os quais expõem seus atravessamentos, que a perda da visão em idade adulta os faz vivenciar a situação da cegueira, passando por experiências que os impulsionam a enfrentar muitas situações, encontrando com isso uma nova maneira de viver. Essa “nova maneira” acontece no momento em que eles descobrem que podem lançar mão do desejo e da potência de seus corpos, e que, após passarem pelo processo de luto, despertam para outros modos de estar no mundo. Isso implica entender que o corpo pode, por meios variados, instrumentalizar as percepções e modalidades que os “eus” vão experienciar.

Ao retornar para o diário de campo, percebi que entre muitos acontecimentos o que mais me marcou, foram as inúmeras possibilidades que podem ocorrer quanto ao “tornar-se” uma pessoa cega. Para Ben Hur a imobilidade, a incapacidade, para Poliana, a possibilidade de viver uma vida social, que antes da cegueira ela sequer imaginava viver.

Entendo que num primeiro momento existe o estranhamento, tanto por parte do cego, como de sua família, mas quando se pensa o corpo, que o desejo irá dar ação ao corpo, passam a existir muitos modos de enxergar o mundo, por meios diversos. O sujeito cego retoma seus vínculos com o mundo, com seus familiares, tornando viável sua relação com o outro e com tudo que o cerca.

Pude perceber um pouco melhor os meios que viabilizam a relação do cego com a família e a sociedade. Para tanto utilizei muitos conceitos nesta dissertação dentre eles, os conceitos de corpo, de desejo, de potência. E esclareço que o procedimento cartográfico adotado aqui, não gera resultados específicos devido à imprevisibilidade dos processos de subjetivação do ser humano. Contudo, de certa forma, faço parte da história da vida de Ben Hur, de sua família e de seus projetos sociais.

Com todos esses atravessamentos propiciados através desta pesquisa, que agora se finaliza, pude entender que o desejo de realizá-la não se deu

somente para buscar outra visão, um outro modo de “enxergar” o processo de ensino e aprendizagem do cego, ou da pessoa com deficiência. Ao contrário, foi além do meu desejo, foi para eu encontrar um meio de superar as minhas deficiências, as minhas próprias dificuldades, e foi nos encontros com estas pessoas cegas, ou de baixa visão, apresentadas aqui neste trabalho, que iniciou esse despertar. Muitas vezes, fizeram-me sentir um estranhamento em que eu por vezes me percebia uma pessoa com deficiências múltiplas, pois existia uma sensação de desalinho, de falta de controle emocional.

Entendia nestes momentos, que os meus conhecimentos acerca deste assunto, eram parcos, falhos e que não davam conta das exigências do trabalho com os cegos, ou pessoas de baixa visão.

Não trago aqui, conclusões, mas quero dividir algumas ideias um tanto inconclusivas. Descobri que os movimentos da cartografia territorializam e desterritorializam. A cartografia simultaneamente acompanha, desenha e gera e que estamos todos, o tempo todo, nos reconstruindo, produzindo outras formas de existência. E, principalmente, nesta dissertação, não há uma receita específica, para lidar com a cegueira, ou com a pessoa cega, mas sim, que o convívio com uma pessoa cega produz muitos afetos, tanto na pessoa cega quanto com quem interage em sua vida. A transformação não acontece apenas na pessoa que perde a visão, ela se estende à família, amigos, colegas e profissionais envolvidos. E cada indivíduo cego contribui de uma maneira diferente, diria até surpreendente.

Enfim, sinto-me outra pessoa hoje, vendo com outros olhos a deficiência visual. Antes pensava que ficar cego era muito difícil, devia ser uma tristeza sem fim para uma pessoa, pois para mim tudo o que envolvia o mundo começava pela visão. Por exemplo, certa vez em que conversava com um casal, um deles era cego e contavam empolgados sobre uma viagem que haviam feito há pouco tempo, e a esposa dizia que eles viajavam muito, pois o fulano adorava viajar, e eu na minha ignorância pensava que viajar nestas condições não tinha finalidade alguma, e que não existia nada de interessante para ele numa viagem, se ele não vê nada. Hoje, compreendo que o cego pode tanto quanto qualquer pessoa que tem o sentido da visão, ter as paixões, e nos toca profundamente com sua força, afetando-nos. Digo isto contrariando a antiga Rita, que pensava estas

situações referentes de como lidar, ou se comportar com seus alunos, porque hoje entendo que não é o grau de dificuldade que pode haver em um determinado ser, mas sim o grau de potência que este possui, que lhe dá capacidade de transformar sua própria vida e de seus familiares.

Quanto as minhas indagações iniciais, que me levaram a escolher o tema desta pesquisa, percebi o quanto é escassa a bibliografia relacionada ao tema, mas também descobri que mais importante do que se ter “uma receita pronta” de como ensinar/aprender, é saber identificar em cada um, e de que maneira se dá esse processo e que, também devemos apoiá-los, ouvindo e incentivando a cada um deles, pois cada pessoa encontrará a sua maneira, uma forma diferente para resolver seu problema, independentemente de ser deficiente ou não, e aprendi isto tudo com o Ben Hur e a Poliana. Pois enquanto Ben Hur preocupa-se em treinar sua memória, seu equilíbrio, apurar a audição, Poliana não se importava tanto com técnicas, só queria ser feliz, pois sentiu-se livre, ao contrário do Ben Hur que se sentiu aprisionado pela cegueira em um primeiro momento. Com o desenrolar da pesquisa constatei que a deficiência não é empecilho para nada, pois os cegos podem tanto quanto qualquer outra pessoa. Ou seja, talvez a questão não seja o que se tem, mas como se problematiza o que se tem no sentido poético de uma produção, de um “sim” a vida!

8. REFERENCIAL TEÓRICO

BRUNO, Marilda Moraes Garcia e MOTA, Maria Glória Batista da, **Deficiência Visual, Série Atualidades Pedagógicas**, Brasília, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2001.

BUENO, Chris. **A Função Social da Música**. Artigo: Educação, 2000. Disponível em: <<http://trombeta.cafemusic.com.br/trombeta.cfm?CodigoMateria=1160>> Acesso em 20 de novembro de 2014.

COELHO, Albertod'Avila. **Instalações Interativas Computacionais: Exercícios de Contemplação Interfaceada de Sensações**. Instituto de Artes. PPGAV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Tese de Doutorado). 2009.

DEJOURS, C. **Sufrimento, prazer e trabalho**. In: _____. **C. Conferências Brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho** São Paulo: FGV, 1999, p. 15-141.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. V. 4. São Paulo-SP: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, V. 5. São Paulo-SP: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hum**. São Paulo: Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo. Ed. Escuta. 2002.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1976.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio OnLine de língua portuguesa**. Disponível em <http://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em setembro de 2014.

HULL, J. 2000. **Do you think I am stupid? In Echoes: Justice, Peace and Creation News (World Council of Churches), no 19/2001**. Geneva. Switzerland.

KASTRUP, Virginia. Atenção a Si mesmo e Produção de Subjetividade numa Oficina de Cerâmica para Pessoas com Deficiência Visual Adquirida. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2008, 28 (1), 186-199. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932008000100014&script=sci_arttext>. Acesso em 23.06.2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. "Cultura e subjetividade: questões sobre a relação luto e sociedade". In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; LIMA, Jacob Carlos & RIFIÓTIS, Theophilos (orgs.). **Cultura e subjetividade**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1996.

LEPORACE, Gustavo. **Importância do treinamento da propriocepção e do controle motor na reabilitação, após lesões musculoesqueléticas**. Disponível em: http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=102 Acesso em 02.07.14.

LORIMER, P. 2000. **Reading by Touch - Trials, Battles and Discoveries. National Federation of the Blind**. Baltimore.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: Um estudo exploratório**. Belo Horizonte: PUC/Minas, 2001.

MASINI, Elcie F. S. **O perceber e relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados**. (Tese de Livre Docência). Universidade de São Paulo. 1990.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2000.

NIETZSCHE, F. (2002). **Assim Falava Zaratustra. São Paulo: Ed. Martin Claret. 2002.**

Norbet Elias **A sociedade dos indivíduos**; organizado por Michael Schröter; tradução Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

PELBÁLT, Peter Pal. Da claustrofobia contemporânea. In: **Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2000.

PORTER, Heleonor H. **Poliana**; tradução Paulo Silveira – 11.ed. –Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PEREIRA, Marcos V. **O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072012000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 12.12.2014.

ROLNIK, Suely. Conferência proferida nos simpósios: Corpo, Arte e Clínica (UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 11/04/03); A vida nos tempos de cólera (ONG Atua, Rede de Acompanhamento Terapêutico. Itaú Cultural, São Paulo, 17/05/03) e **A clínica em questão: conversações sobre clínica, política e criação (DA de Psicologia UFF e Universidade Nômade, Niterói, 05/12/03).** Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>. Acesso em: 09.07.14.

SAMPAIO, Marcos Wilson [et al]. **Baixa visão e cegueira: Os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão.**—Rio de Janeiro: Cultura Médica: Guanabara Koogan, 2010.

SANTOS, Admilson. **O cego, o espaço, o corpo e o movimento.** Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/txtcego_espaco_corpo_movimento/dmilson_Santos.htm. Acesso em: 02.05.14.

SHERRINGTON CS. **The integrative action of the nervous system.** New York: Scribner's Son; 1906.

Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área da deficiência visual. Brasília: MEC: SEESP, 1995. (Série Diretrizes, n.8).

_____. **Poderíamos partir de Espinosa.** Disponível em: <http://artescenicass.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182> . Acesso em 12. 06. 2014.

_____. (2008) Cartografias Biopolíticas .artigo apresentado na **ANPEP.**

_____. (2004) *“Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma* In **“Corpo, arte e clínica”** / Tânia Maria Galli Fonseca e Selda Engelman (Orgs) – Porto Alegre: editora da UFRGS.

_____. **O híbrido de Lygia Clark. In: LYGIA Clark, 1997**

SACKS, Oliver. O olhar da mente. São Paulo -SP: Companhia das letras,
<<http://www.dicionariodoaurelio.com>> Acesso em 21.09.2014.

<<http://portal.aprendiz.uol.com.br/content/weuebruswu.mmp>>. Acesso em
12.05.2014

<<https://www.youtube.com/watch?v=7tG4fceymmY>>. Acesso em 16 de
05. 2014

9. ANEXOS

ANEXO 1

Carta desabafo

Neste momento de minha caminhada no mestrado, elogio a minha atual leveza, as mudanças na minha aparência física, os meus modos de vestir, de andar e me relacionar com as outras pessoas.

Porém, lembro que antes de entrar no mestrado, eu era um ser cheio de certezas, sabedorias e conceitos montados, verdades enraizadas. Olhava para o orientador e ele me dizia; “Rita, tens de te soltar, tu não podes ter tantas certezas. ”

E assim, iniciei o percurso do mestrado profissional em Educação e Tecnologia no Instituto Federal de Educação- IFSul. A cada encontro comecei a me despir das “roupagens” que vestia, estas “vestes” compunham aquilo que me ensinaram, formataram e compactaram ao longo de minha vida. Comparo as roupas que usamos no frio do inverno, quando colocamos uma camiseta, sobre esta uma básica de lã, depois um moletom, outra roupa, outra roupa, ficando com um monte de vestimentas. Mas, quando um desconforto chega, dá vontade de se despir, tirar o que incomoda.

Assim, iniciei tirando o casacão, pois o mesmo estava pesado. Já entrei no curso de mestrado sem ele. Com o passar das semanas, com as incertezas que vieram a habitar meu cotidiano, aos poucos, outras roupas começaram a pesar, e fui tirando cada uma delas.

Na verdade, despir-me das roupas era como me despir de conceitos que já não cabiam mais, como aquelas roupas pesadas, felpudas, que atingiam a minha pele tão frágil.

As coisas construídas anteriormente, meu modo de ver e entender o mundo, foram se decompondo como em uma pintura, se desbotando pela velhice de um lugar escuro, bolorento e úmido. O que antes era prioridade se tornava banal, os valores ensinados iam perdendo o significado, as minhas verdades viravam profundas incertezas.

Assim, caminhava devagar, com as indagações dos meus colegas e amiga/os sobre o que pesquisar. Qual é o teu assunto? O que tu estás pesquisando? Nas minhas respostas percebia que, pelas suas expressões, despertava certo encantamento. Mas eu não entendia o motivo dos encantamentos das pessoas pela Educação especial, pela deficiência visual, pela minha pesquisa.

Chegou um determinado momento que parecia que eu não iria lograr êxito com aquele assunto; ele não era interessante, e eu não iria conseguir. Essas percepções ocorreram no momento em que minhas certezas construídas e conceitos obtidos desabaram como um castelo de cartas. Falei: “Eu não sei nada. Nada mais é”. Neste momento fiquei perdida, sem nada para me segurar, foi mais consolável dizer “não sei”, “não posso”, “jamais conseguirei”. Eu não acreditava mesmo! Sentia-me sozinha, incapaz. Ao mesmo tempo me perguntava: por que não acreditar em mim?

Em casa continuava me perguntando: por quê? Por que eu não acredito em mim? Mas fui buscar os motivos deste descrédito. Percebi que os motivos estavam relacionados à morte dos meus credos e conceitos. Eu não pertencia mais ao mundo que até então vivia, pois ele estava “morto”. Eu tinha de encontrar outros motivos. Suspeitava que estes estivessem nos encontros felizes. Realmente, as respostas que encontrei estavam nas pessoas que acreditavam em mim.

Dias depois destas inquietações olhei para o meu esposo e filho e indaguei se eles acreditavam em mim. Eles responderam que sim, que acreditavam no meu projeto de pesquisa. E que as respostas que eu procurava poderiam ser encontradas ao observar o caminho percorrido, todo o percurso feito, desde o trabalhar no que gostava, em ter conseguido alcançar coisas desejáveis, etc.

Mandei um e-mail para meu orientador com estas angústias. Ele respondeu que acreditava muito na pesquisa que eu queria desenvolver, que eu até poderia desistir do mestrado, se esta fosse a decisão definitiva, mas que a desistência não seria o ponto final, pois eu já não era mais a mesma pessoa que havia entrado no mestrado, que eu já havia começado uma mudança. Por que desistir logo agora que recém começava?

Concluindo, eu estava atravessada por descobertas muito particulares, pela morte de uma “Rita” que pensava saber de tudo sobre educação especial. Isso ocorreu de forma sem que eu percebesse. Foi fluindo a cada encontro e na relação comigo mesma.

Pelotas, 13 de novembro de 2014.

ANEXO 2

RELATO 1

“No início, eu reagi muito bem, era difícil claro, mas eu sabia que tinha que continuar, que não era só eu, que tinha minha esposa, meus filhos, a ONG, e que todos acreditavam em mim e eu não queria e nem podia decepcioná-los. Mas o tempo foi passando, a doença foi aumentando e a cegueira foi se chegando a cada dia com mais força. Aí eu fiquei meio...(engasgou, lágrimas) era eu e eu mesmo, dentro do quarto só, trancado não queria saber de nada, foi auge de “deprê” mesmo, ali foi feio, a coisa “tava” meio complicada, era ... tudo, (lágrimas) bah, era quase como... eu queria fugir de tudo, de tudo, de tudo mesmo, de todos que estavam ali comigo era meio que por... era difícil lidar com aquilo que “tava” acontecendo comigo. E vou te dizer: eu “to” melhor, bem melhor, mas ainda tenho dificuldades em algumas coisas e me encolho... como caramujo. Mas minha família “tava” sempre junto... eu é que só queria... Aí teve um amigo, um moleque lá da ONG, hoje homem e grande amigo, o Tiagão, que chegou lá em casa e não queria saber: entrava no quarto, acendia a luz, ia abrindo a janela e mandando ver. Isso se repetiu por muitos dias, até que um dia ele disse assim:

- O meu tu, tem noção da mudança que tu fez na minha vida, me juntando pra ONG? Eu “tava” na beira do abismo e tu não me deixou cair. Cara, tu perdeu a noção de quanta gente tu salvou da morte? E agora por causa de uma cegueira de merda tu vai te atirar e esperar a morte chegar? É isso que tu quer? Tu vai te entregar? Bah meu, eu não esperava isso de ti. “Tô” decepcionado, eu te via como um cara tão forte! Tão poderoso!

Tchê, a fala daquele guri acabou comigo acabou comigo, mandei ele ir embora aos berros e pedi que nunca mais voltasse. E ele se foi mesmo. Aí sozinho eu comecei a pensar sobre o que ele tinha dito e comecei a perceber que ele tinha razão. Pô, eu passei trabalho na vida, pra chegar onde cheguei, não foi mole não! E aí?... Vou deixar essa merda dessa cegueira acabar comigo? Eu

queria reagir, mas não tinha força. Vi que sozinho não dava, o treco era punk. Uns dias depois mandei chamar o Tiagão, porque sabe, ele foi o único que teve coragem de meter o dedão na minha cara e dizer: “tu tá errado meu!” Os outros tinham pena, sofriam junto de mim, e não viam uma saída. Eu chamei ele porque reconheci que ele tinha razão, eu precisava lutar para sair dali, daquela situação mas eu não tinha força, não tinha coragem. E o negão me abraçou e junto com a minha família e outros amigos me tiraram, do fundo do poço! Era lá que eu “tava”. Foi aí que eu te reencontrei lá no Braille... A partir daí tu sabe né... Tem sido uma luta uma briga constante, um recomeço a cada dia...

Após o resultado das consultas médicas atestando minha perda de visão, e depois de sair da “deprê”, com ajuda de amigos, comecei a frequentar a escola Louis Braille, onde realizava consultas oftalmológicas e trabalhava com música, com outros deficientes visuais. O que primeiro me ajudou, mas em seguida houveram desacertos com a instituição e acabei abandonando o projeto, mesmo frequentando a escola Louis Braille, eu não me assumia como cego, e não quis utilizar a bengala. Eu na verdade não me aceitava como cego... inicialmente não queria crer que estava acontecendo isso comigo, sentia muito medo de como ia ser o futuro, e ao me isolar das pessoas, comecei a imaginar coisas acho que quase assumi minha loucura, achava que ninguém gostava de mim se alguém chegasse perto seria por interesse, então era rude e desconfiado. E pra completar eu tinha vergonha, me sentia constrangido de assumir que precisava de ajuda, que precisava de bengala”...quando descobri que estava ficando cego do olho que restava, e que não tinha cura, me isolei dentro de casa, abandonei a ONG, não queria ver ninguém, sentia como se isso fosse a morte, fiquei em depressão total, a tentativa era de me afastar de todos, quase como se fosse a vontade me sentir morto e enterrado, isolado do mundo dos vivos, eu simplesmente não conseguia lidar com o que estava acontecendo comigo. Ainda tenho meus momentos de “deprê”, mas melhorei muito, percebi com ajuda dos amigos e da família, que o problema estava dentro de mim e não do lado de fora, que eu tinha que lutar

internamente contra meus próprios sentimentos e me aceitar da forma que estou hoje, e tentar me adaptar ao mundo. Enfim é um processo íntimo e interno, dentro de mim mesmo, mas foi preciso uma mãozinha dos amigos para que eu parasse e pensasse, para perceber isto tudo.

RELATO 2

Sabe, fico muito agoniado em não conseguir realizar umas coisas, se não tiver ajuda, como por exemplo, fazer a barba sem me cortar, outro dia dei um talho no rosto, tenho dificuldade em amarrar o tênis, e preciso usar o tato pra conseguir.

Mas eu já estou melhorando, eu improviso pra tentar superar a falta da visão, hoje eu já consigo encher a garrafa térmica ouvindo o som da água, antes eu precisava que alguém fizesse pra mim, na hora de servir o café, escolho uma caneca branca, pois consigo identificar o preto do café fazendo contraste com o branco da caneca.

Atravessar a rua outro exemplo, não é nada fácil andar sozinho, preciso de muita atenção, mas por outro lado, acabei tendo mais disciplina, porque hoje eu procuro faixa de segurança ou sinaleira, pois como vejo um pouco de luz consigo perceber o sinal, não vejo o verde, mas o vermelho sim, então se não tá verde, atravesso. Mas se não tem sinaleira, aí fica um pouco mais difícil pra atravessar, e eu preciso usar outros sentidos e me dar conta, por exemplo, de conhecer o ruído de um carro ou de uma moto e identificar se está perto ou longe.

...Tenho feito exercícios que aprendi no teatro, estimulo minha memória, para quando eu não enxergar mais. Quando fico sozinho mano, treino minha mente e meu corpo penso na imagem das coisas, nos rostos das pessoas, a noite aproveito pra ficar olhando bem de perto o rosto da minha esposa, porque eu não to afim de esquecer de nenhuma imagem... minha neta recém nascida, quero lembrar sempre do rostinho dele, imagino que quando ela crescer e eu não enxergar mais vou continuar lembrando do rostinho de bebe dela (lágrimas) e com minhas filhas também!

Faço isso com muitas coisas, fico por horas tentando memorizar as imagens. Outra coisa que estou fazendo é quando vou abraçar uma pessoa, eu não dou mais um simples abraço, eu dou uma cafungada (risos) pra sentir o cheiro das pessoas, é sério mana, tu

sabia que por mais que a pessoa coloque perfume, cada um tem um cheiro da pele que é diferente, eu to descobrindo isso. (risos)

RELATO 3

Agora meu início de vida foi sinistro porque eu era brigão, fugia da escola, e uma professora me estendeu a mão, ela percebeu que eu tinha habilidade para as artes e através do teatro na escola, ela me fez ver outras possibilidades dentro da escola. Ali, naquele momento eu vi que a escola não era só aquele lugar chato, onde eu tinha que ficar sentado, ouvindo a professora falar, falar e não podia nem dar minha opinião, porque naquela época para muitos professores era assim, a professora sabia e os alunos eram os burrinhos, as caixinhas onde elas depositavam todo o conhecimento. A “Sorinha” como era carinhosamente chamada por nós, essa tal professora a quem eu devo grande parte do que sou hoje, engraçado eu nem sei o nome dela, não lembro. O fato é que ela mudou minha trajetória, talvez se isso não tivesse acontecido, eu poderia ser um bandido, ou poderia estar morto hoje,

Depois de um tempo participando das atividades que ela fazia com os alunos, teatro, dança, canto, música, pintura em tela, eu fiquei responsável pelo teatro do colégio, eu mesmo criava as peças, escolhia os alunos pra cada papel, eu era diretor, produtor, e ator. Mas pode ter certeza, que eu fui salvo pela arte, a arte tem um poder cara, que...bah é muito forte!

E eu acho que criei a ONG, em função disso, na real acho que eu queria devolver pro universo o que eu tinha recebido através da arte, afinal, se deu certo comigo, poderia dar certo com outros. Então, depois de um bom tempo, quando eu já era gente grande, (risos) resolvi criar o projeto que depois virou ONG, inspirado em meu pai que sempre se preocupou com os moleques de rua, passando necessidade.

RELATO 4

Aqui no projeto com a gurizada é diferente, eu não tenho dificuldades, e se tenho procuro disfarçar, porque eles precisam me ver forte, Então aqui, até eu esqueço que tenho deficiência visual, que “to” ficando cego.

E ano que vem, estamos completando 15 anos de trabalho, vai ser um festão, eu “to” muito animado, a gurizada também!

Eu brinco, eu corro, eu pulo, eu danço, mas na hora de trabalhar é sério, é muito sério! Porque gurizada, tu sabes né? Tem que ser firme com eles se não eles tomam conta!

Mas te digo aqui na ONG, junto com eles nos ensaios, nas conversas, eu realmente esqueço o mundo lá fora. É uma energia que toma conta de mim, faz eu me sentir grande! (risos)

Claro não vou ser hipócrita e te dizer que tudo são flores, que aqui vivo no paraíso, tem dias que eu não “to” legal, que eu “to” caindo na “deprê”, mas aí o pessoal vai chegando, eles percebem e começam a agitar, ficam falando bobagem, ou falando coisa séria e já desopilo e como dizia meu velho, sigo o baile. Porque isso é o que importa, a vida é uma música, de diversos ritmos, e a gente só tem que bailar, até o fim... se é que tem fim... (risos)

Sabe de uma coisa, essa semana eu “tava” olhando os vídeos do início da ONG e fiquei tri mal, pela primeira vez, fiquei mal. Vou te contar uma história.

Meu filho, hoje maior de idade, reclamava de falta de atenção, de carinho, que eu gostava mais dos filhos dos outros do que dele. Eu achava que era ciúme bobo. (choro) Mas não era mana, ele sabia do que “tava” falando. Eu me preocupava tanto com os filhos dos outros, que pra mim eram crianças sem pai e sem mãe, eu achava que como ele era meu filho “tava” próximo de mim eu achava que tava tudo bem, ele tinha pai e mãe junto dele, eu nunca me liguei cara, se tu olhar os vídeos dele cantando, tu vai ver que ele cantava me olhando, cantava pra mim, e eu não percebia isso. (lágrimas) Eu tava perto dele, mas ele reclamava

não era da distância física, era da ausência de afetividade. Eu fui falho com meu próprio filho. (lágrimas)

E aí eu te pergunto minha amiga, tu como educadora, me responde, pra quem a ONG foi mais importante? Tu sabes? O maior beneficiado fui eu, sou eu, hoje eu vivo essa coisa do outro, eu tento compreender o outro, os sentimentos, os atos, enfim...

O meu retorno pra ONG agora com essa parada de deficiência, bah! Nem sei... (lágrimas) ...nem sei o que seria de mim se eu não tivesse tido o apoio do pessoal da ONG, claro que a família os amigos foram importantes também, mas a ONG me fez ver que eu não tava taxado a incapacidade, que eu ainda sou um ser capaz de produzir, capaz de continuar vivendo a vida Mana, vou te falar mais uma coisa, tu não tem noção do quanto essa tua pesquisa me dá mais um “up” na vida, se minhas experiências com a deficiência visual pode inspirar outros, se minha experiência de vida pode servir pra inspirar outras pessoas e contribuir com o outro, já me sinto um pouco mais feliz! E eu sei o quanto é importante a gente ter alguém na vida pra se guiar como exemplo.

Eu sempre tive, graças a Deus! Na infância tive meu pai e minha mãe, minha mãe, doce, amável, carinhosa, sempre muito presente, me apoiando sempre, até quando eu fazia merda. (risos) e meu pai, bah meu velho era sem igual, ele bebia, chegava do serviço, ele era motorista da empresa de ônibus Santa Rosa, ia pros boteco, mas ele era um filósofo, hoje eu sei! (lágrimas) Ele bebia com os amigos e dizia pra mim, que ali era um lugar pra se encontrar com os amigos, não pra fazer coisa errada, salientava sempre uma frase, um ditado que ele usava : “faz o que eu digo, mas não faz o que eu faço” (risos)Ali naquele botequim na verdade o que acontecia era uma reunião de “filósofos de botequim!” (risos)

E tudo isso me motiva maninha, “tu conheceu” os dois lados do mesmo Tio Bem! Antes e depois da arte! (risos)